

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E
EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

TANIZE FAGUNDES BITENCOURT CALDERON

**EVASÃO ESCOLAR DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA
ZONA RURAL DE VIAMÃO**

**Porto Alegre
março, 2012**

TANIZE FAGUNDES BITENCOURT CALDERON

**EVASÃO ESCOLAR DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA
ZONA RURAL DE VIAMÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade.

Orientadora: Dra. Miriam Lemos

**Porto Alegre
março, 2012**

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo Vinicius Calderon, que foi muito importante nesta caminhada, incentivando, ajudando e confortando-me nas horas difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por permitir que este sonho se torne realidade.

À professora Miriam Lemos, pelo incentivo, dedicação e preciosa orientação, paciente acompanhamento e pela atenção que sempre dedicou para que este trabalho enfim se concretizasse.

Aos meus saudosos pais pelos ensinamentos que me deixaram como herança.

Aos meus irmãos, pelo apoio, colaboração e incentivo que sempre me prestaram em todos os momentos de minha vida.

Parentes, amigos, colegas, alunos e mestres...

Aos que distante, olhavam a árdua tarefa; aos que com palavras e gestos incentivavam, em especial aos meus companheiros de trabalho e colegas de curso; Aos que ansiosos buscavam conhecimento e aos que pacientes ajudavam na busca de experiência; e a todos os alunos evadidos que se dispuseram a participar desta experiência.

A Canoa

Em um longo rio, de difícil travessia, havia um barqueiro que atravessava as pessoas de um lado para o outro.

Em uma das viagens, iam um advogado e uma professora.

Como quem gosta de falar muito, o advogado pergunta ao barqueiro:

- Companheiro, você entende de leis?

- Não, respondeu o barqueiro.

E o advogado compadecido:

- É pena, você perdeu metade da vida.

A professora muito social entrou na conversa:

- Seu barqueiro, você sabe ler e escrever?

- Também não, respondeu o barqueiro.

- Que pena! Condói-se a mestra. Você perdeu metade de sua vida!

Nisso chega uma onda bastante forte e vira o barco.

O barqueiro preocupado, pergunta:

- Vocês sabem nadar?

- NÃO! Responderam eles rapidamente.

Então é uma pena! Conclui o barqueiro. Vocês perderam toda a vida.

Não há saber maior ou saber menor.

Há saberes diferentes.

RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa vinculada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Privados de Liberdade, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizada com ex-alunos da escola EMEF Apolinário Alves dos Santos, situada juridicamente em zona rural, na cidade de Viamão. A escolha deste estudo de caso se deu por ser onde exerço minha docência há mais de dez anos e pela minha opção em trabalhar com a pesquisa do/no cotidiano. Para desenvolver esta pesquisa utilizei-me de questionários semi-estruturados aplicados a jovens que se evadiram da EJA no ano anterior e entrevistas no cotidiano, bem como da análise de documentos escolares. O objetivo central deste trabalho foi diagnosticar os principais motivos que levam os jovens e adultos da zona rural de Viamão a interromper seus estudos, constituindo o fenômeno da evasão. No decorrer deste trabalho, questiono o conceito de rural, tendo em vista as transformações para o urbano que o contexto, no qual a escola está inserida vem passando, constituindo-se em um meio “rururbano” (GRAZIANO DA SILVA, 1999). São também motivos de questionamento as mudanças que estão ocorrendo com este público e dos valores trazidos por estes novos sujeitos da EJA. Após as análises dos perfis dos educandos e das justificativas do que os levou a não permanência na escola, percebi que os principais motivos que geram a evasão de jovens e adultos se equiparam tanto no meio rural, quanto no urbano ou “rururbano” e que causas especificamente rurais, neste caso, não são mais as únicas razões para afastamento ou evasão. A partir das ressignificações do espaço, enfatizo a adequação do currículo escolar na perspectiva de contemplar aprendizagens que façam sentido para estes educandos. Para tanto, as políticas públicas devem estar atentas a estas transformações no sentido de contribuir com o processo de mudança que tanto se almeja.

Palavras chave: Educação de Jovens e Adultos; Zona Rural, Evasão Escolar, Currículo Emancipatório.

LISTA DE SIGLAS

AJA	Alfabetização de Jovens e Adultos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROJOVEM	Programa Nacional de Inclusão de Jovens

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Percentual de evasão no município de Viamão	37
Tabela 2 – Dados evasão da EJA no ano de 2006	57
Tabela 3 – Dados evasão da EJA no ano de 2007	57
Tabela 4 – Dados evasão da EJA no ano de 2008	58
Tabela 5 – Dados evasão da EJA no ano de 2009	58
Tabela 6 – Dados evasão da EJA no ano de 2010	59

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fonte das Águas Claras, uma beleza natural: Situada na RS 040, frente à escola. ...	20
Figura 2 - EJA como resgate da cidadania	62
Figura 3 – IDH na América Latina	63
Figura 4 - Passagem escolar gratuita	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual de evasão no município de Viamão	37
Gráfico 2 – Percentual de evasão da EJA na EMEF Apolinário Alves dos Santos	38
Gráfico 3 – Faixa etária	40
Gráfico 4 – Local de Nascimento	41
Gráfico 5 – Estado Civil	41
Gráfico 6 – Sexo	42
Gráfico 7 – Escolha pelo município de Viamão	42
Gráfico 8 – Série estudada	43
Gráfico 9 – Sujeitos que interromperam os estudos na EJA	44
Gráfico 10 – Número de vezes que parou de estudar enquanto freqüentava a EJA	44
Gráfico 11 – Etapa em que parou de estudar na EJA	45
Gráfico 12 – Proximidade da moradia com a escola	46
Gráfico 13 – Distância da escola até a casa do aluno	46
Gráfico 14 – Utiliza meio de transporte para se locomover até a escola	47
Gráfico 15 – Desejo de retornar às aulas da EJA	48
Gráfico 16 – Prováveis motivos para retornar à EJA	48
Gráfico 17 – Motivos para evasão	50
Gráfico 18 – Empecilho para retornar aos estudos	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 JUSTIFICATIVA: VIVÊNCIAS NA EJA.....	12
2.1 OBJETIVO.....	15
3 METODOLOGIA	16
4 CONTEXTO: BREVE HISTÓRICO DA EJA NA ESCOLA	18
5 EDUCAÇÃO NO MEIO RURAL	22
5.1 AS TRANSFORMAÇÕES DO MEIO RURAL E A CONSTRUÇÃO DO “RURURBANO”	24
5.2 A ESCOLA NO CONTEXTO “RURURBANO”	26
5.3 A ESCOLA INSERIDA NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS MUNICIPAIS	28
6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	35
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55
ANEXO 1: DADOS DA EVASÃO DA EJA NA EMEF APOLINÁRIO ALVES DOS SANTOS.....	57
ANEXO 2: QUESTIONÁRIO DA PESQUISA SÓCIO-DEMOGRÁFICA	60
ANEXO 3: EJA COMO RESGATE DA CIDADANIA	62
ANEXO 4: IDH NA AMÉRICA LATINA.....	63
ANEXO 5: PASSAGEN ESCOLAR GRATUITA.....	64

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho abordo a Educação de Jovens e Adultos – EJA, na Zona Rural de Viamão e enfatizo o fenômeno da evasão escolar, que também vem ocorrendo fora dos centros urbanos.

O trabalho tem como objetivo primordial diagnosticar os principais motivos que levam os sujeitos a desistirem de continuar estudando, após ter tomado a iniciativa de retornar às aulas. Ou seja, os motivos da evasão dos estudantes da EJA em uma escola de zona rural.

Embora a escola fique situada em uma zona considerada juridicamente como rural, questiono se este permanece sendo o contexto social e cultural no qual a escola está inserida. Questiono, outrossim, se os perfis dos sujeitos da EJA também permanecem os mesmos de quando a modalidade de Educação de Jovens e Adultos foi implantada na escola em estudo.

Sendo assim, como próximo passo, levantar informações sobre o currículo, se está de acordo com todas essas especificidades anteriormente apresentadas e se temos a autonomia, diante de nossa mantenedora, para promover reformulações e readaptações neste currículo.

Neste processo, faz-se importante (re) conhecer e entender a realidade onde se atua, o que tem sentido e significado para o aluno, compreendendo as suas próprias características e especificidades, o significado dos saberes e das práticas mais adequadas às necessidades apresentadas. Pois, conforme Paulo (2000, p.52): “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

No capítulo 1, relato o objetivo principal do presente trabalho. No capítulo 2 justifico a minha escolha pelo tema, devido às minhas vivências profissionais das quais acredito tenham surgido o interesse e a motivação pela temática da pesquisa. No capítulo 3 discorro sobre a metodologia utilizada para a realização deste trabalho. No capítulo 4, contextualizo a referida escola e historicizo como a

modalidade EJA veio a fazer parte desta unidade. No capítulo 5 introduzo as reflexões iniciais que fiz a partir da bibliografia referente à EJA na zona rural, buscando retratar um breve histórico da EJA no meio rural brasileiro, analisando também a transformação do rural para o urbano e as transformações do contexto no qual a escola está inserida. No capítulo 6 faço a discussão dos resultados obtidos e uma breve síntese, para então, concluir no capítulo 7.

2 JUSTIFICATIVA: VIVÊNCIAS NA EJA

Nesse momento, começarei a expressar minhas vivências na EJA, os motivos que me levaram a fazer este trabalho e alguns pensamentos que, no decorrer desta pesquisa, vou entrelaçando com os referenciais teóricos que embasaram para minhas análises na perspectiva de tecer uma colcha de retalhos.

A instituição na qual trabalho, a EMEF Apolinário Alves dos Santos, por mais que esteja situada à beira de uma rodovia, é de difícil acesso para muitos, especialmente à noite, pois são poucos os horários de ônibus e a maioria dos alunos reside em locais distantes, nos chamados “becos”, onde não passa linha de ônibus; outros moram em sítios, em pequenas propriedades ou nos setores do assentamento. A solução para muitos - que não têm condições de pagar uma passagem - é caminhar vários quilômetros até a escola, ir de bicicleta ou conseguir uma carona. Todavia, é notório que, com a proximidade do inverno, ainda mais em nosso Estado, com muita chuva, geada no campo, granizo, aos poucos eles vão frequentando menos as aulas, até desistirem.

Assumi na equipe diretiva em 2010, e sinto-me muito impotente diante dessa situação. Por mais que faça esforços para ajudar, seja pelo apoio financeiro, comprando e distribuindo para alguns o vale transporte, ou ainda, dando carona como faço quase todos os dias, não se consegue beneficiar a todos. Outro fator que dificulta o acesso à escola é o alto custo em relação às passagens. Então, nem sempre consigo dar o apoio necessário e os próprios alunos se dão conta disso, causando insegurança e até mesmo desmotivação.

No ano de 2010, essas atitudes fizeram com que alguns alunos se mantivessem na escola. , Para contemplá-los, era necessário fazer uma seleção de acordo com as reais necessidades de cada um, aliada ao fator distância.. Porém, lamentavelmente outros desistiram, restando um sentimento de fracasso tanto para os estudantes, como para a instituição escolar e seus educadores.

Nesse ano, houve um aumento do número de alunos o que gerou, proporcionalmente, um maior número de casos de alunos com dificuldade de acesso

à escola. Por isso, frequentemente sou indagada sobre a possibilidade de distribuição de passagens, uma vez que os alunos do diurno a recebem porque os pais comprovam baixa renda. Nestas ocasiões, sou obrigada a responder que, para essa modalidade de ensino não há verbas destinadas, conforme orientações recebidas da Secretaria de Educação do município.

Sendo assim, enquanto vice-diretora da Educação de Jovens e Adultos, deparo-me a todo o momento com inúmeras situações de abandono escolar. Desde o ano passado, venho percebendo que um dos motivos que levam o nosso aluno da zona rural a evadir, é o fato de não terem condições financeiras para comprar a sua passagem, fato que se agrava pois não podem receber auxílio do órgão competente, já que o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica não está suprimindo esta necessidade.

Mesmo com a inclusão da EJA no Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e da Valorização dos Profissionais da Educação, o FUNDEB, é necessário um olhar mais aprofundado para estes sujeitos, especialmente os da zona rural. Faltam outros elementos para melhorar esse cenário, fazendo com que diminua esses altos índices de evasão, lembrando que dos oito milhões de pessoas que freqüentaram o curso até 2006, 42,7% não chegaram a terminá-lo, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, de 2007.

Um dos temas mais citados nas reflexões referentes à educação pública brasileira é a evasão escolar. O estudo desenvolvido por MEKSENAS (1998) sobre a evasão escolar dos alunos dos cursos noturnos detectou que a evasão escolar destes alunos se dá em virtude de estes serem “obrigados” a trabalhar para sustento próprio e da família. Exaustos da maratona diária e desmotivados pela baixa qualidade do ensino, muitos adolescentes desistem dos estudos sem completar o curso secundário. Em se tratando de políticas de educação de jovens e adultos, esta é uma das principais questões de análise atual.

De acordo com o estudo “Evolução do Analfabetismo do Brasil”, realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), com base em dados da PNAD, foi constatado que o Brasil possui cerca de quatorze milhões de analfabetos,

se mantendo em uma posição intermediária, com taxa de analfabetismo na ordem de 10%. Os dados são referentes ao período de 2004 a 2009.

Na faixa etária de 15 a 64 anos, que corresponde à clientela da Educação de Jovens e Adultos, a redução da taxa de analfabetismo foi mais acentuada, passando de 9,1% para 7,3%, representando uma queda de quase 21%. Em números absolutos reduziu 14%.

Os maiores decréscimos no analfabetismo por grupos etários, entre 1999 a 2009, ocorreram na faixa dos 15 aos 24 anos. A pesquisa também mostra uma estreita relação entre a redução do analfabetismo e o aumento do analfabetismo funcional, em curto e médio prazo.

Por analfabeto se considera a pessoa que não consegue ler nem escrever. Analfabeto funcional, portanto, é o sujeito capaz de ler, escrever e fazer cálculos para uso próprio ou para desenvolvimento do meio em que vive, porém incapaz de entender um texto mais complexo que um bilhete simples.

O nosso país ficou na 73ª posição, entre 169 países avaliados no Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, relativo aos indicadores educacionais. Devido a fatores como anos de escolaridade, nossa classificação é pior do que outros países sul-americanos, como o Chile e o Peru. A população brasileira adulta registra 7,2 anos de estudo, enquanto a do Chile tem 9,7, e a do Peru, 9,6. (ver anexo 3).

Além disto, na revisão bibliográfica deste trabalho, foi possível detectar a pouca produção acadêmica referente ao tema da evasão na EJA localizadas na zona rural. Entre estas, a maioria está focada na EJA nos movimentos sociais como o dos Sem-Terra, isto é, são fora do ambiente da educação escolar formal (MARINHO, 2008). Outros estudos discorrem especificamente sobre escolas localizadas em um meio rural mais "puramente" definido. Creio que uma das relevâncias desta pesquisa que realizei está na busca de outros referenciais para analisar a EJA em uma escola em contexto de transformação do rural para o urbano.

2.1 OBJETIVO

Analisar os motivos da evasão dos estudantes da EJA em uma escola de zona rural.

3 METODOLOGIA

O percurso metodológico foi de estudo de caso em uma escola de zona juridicamente rural, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. As aproximações epistemológicas tiveram como referência duas metodologias de pesquisa: a pesquisa do/no cotidiano e a pesquisa-ação por duas opções. Primeiro, porque estou muito mergulhada nesta realidade, vivenciando-a desde 2003, quando atuei por dois anos como professora da EJA e, a partir de 2010, tornei-me vice-diretora desta modalidade de ensino no turno da noite nesta mesma instituição. Também porque me sinto incomodada com a irresolutividade das políticas públicas referentes a este tema. Portanto, fiz a opção de pesquisa no meu cotidiano, buscando entender que “diferente do aprendido, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum, exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade” (ALVES E OLIVEIRA, 2002).

Segundo, para contribuir com o pensar de políticas e ações cotidianas de acolhimento destes sujeitos, na busca de estratégias de permanência na escola, pois o simples oferecimento da oportunidade educacional pode não ser suficiente para a estadia e sucesso escolar destes alunos. Ou seja, próximo da perspectiva de uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 2009) em pequena dimensão, que concomitante ao desenrolar da pesquisa houvesse ações de reaproximação dos estudantes evadidos com a escola.

A coleta de informações se deu, fundamentalmente, através de entrevistas informais com dois alunos evadidos e aplicação de um questionário (conforme formulário anexo 2) com perguntas semi-estruturadas, para dezesseis estudantes evadidos da Educação de Jovens e Adultos desta escola, sendo oito do sexo feminino e oito do sexo masculino.

Realizei, concomitantemente às entrevistas, coletas de dados mais gerais sobre o contexto do campo de pesquisa, tais como: história da escola, história da EJA no município e na própria escola; caracterização dos estudantes evadidos

comparando dados mais gerais do município sobre evasão da EJA, e dados locais da escola.

4 CONTEXTO: BREVE HISTÓRICO DA EJA NA ESCOLA

Conforme consta no Projeto Político Pedagógico (PPP), do ano de 2003, esta escola foi criada a partir do Decreto Nº 145/50 de 28 de fevereiro de 1950. O nome se deve a um ilustre morador da região. Na época, ele já se preocupava com a questão da educação, improvisando um galpão no fundo de seu quintal, onde o próprio ministrava oficialmente aulas para o município, tendo seu trabalho reconhecido quando da publicação do decreto que lhe homenageou, dando seu próprio nome à escola.

Através da Portaria 145 de 28/02/1950, a escola começou legalmente a funcionar, sendo criada a primeira turma com alunos da própria região, da zona rural, evitando assim o deslocamento contínuo desses alunos para o centro da cidade.

No ano de 2003, foi implantada a Educação de Jovens e Adultos no turno noturno da escola, conforme levantamento de demanda realizada na comunidade, no ano anterior, pela direção da escola e detectada a necessidade desta modalidade.

Atualmente, temos 580 alunos e o espaço não comporta tal quantidade, por esse motivo, desde 2009, fazemos dois recreios, para que eles possam circular um pouco mais à vontade. A escola possui 9 salas de aula, laboratório de informática, biblioteca, sala de professores, refeitório, secretaria, sala de Orientação e Supervisão Escolar e uma pequena quadra de esportes, tendo em vista que o pátio é muito pequeno.

Faz mais ou menos uns 5 anos que estamos na luta por uma escola nova, já que a nossa não tem mais capacidade para atender todo esse público. A rede elétrica, assim como o esgoto, tem sérios problemas e os órgãos competentes não encontram solução. Temos um laboratório de informática montado, porém inutilizado, já que a rede elétrica está com defeito, e no ano de 2011 não recebemos estagiário para o laboratório, impossibilitando o uso tanto pelos alunos como pelos professores. Durante todos esses anos participamos do Orçamento Participativo

(OP), na tentativa de conseguirmos a construção da tão sonhada escola nova, já que nos foi doado um terreno por moradores da comunidade. Em abril de 2010, em mais uma reunião do OP, ficou decidida a construção desta nova escola, e até agora estamos aguardando o início da obra.

Conforme seu PPP, a instituição tem como parâmetros básicos os princípios de liberdade, solidariedade humana, respeito aos valores éticos e morais; facilitar a integração com a comunidade, a valorização do ser humano e a inclusão social. Procura seguir a linha democrática libertadora e inclusiva, buscando a integração do grupo, onde cada ser humano se engaja com um único objetivo: a melhoria da qualidade de ensino.

Em relação à avaliação, esta não tem como parâmetros apenas o “sucesso” ou “fracasso” do aluno, mas também a atuação do professor, ou mais especificamente o planejamento, as diretrizes coletivas de trabalho e o sistema de ensino. É um processo dinâmico e contínuo com a possibilidade de respeitar a reelaboração do fazer pedagógico. Constitui-se de processos contínuos, cumulativos e diagnósticos, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, buscando viabilizar estratégias didático-pedagógicas adequadas à promoção.

Na modalidade Educação para Jovens e Adultos - EJA, há aproximadamente 70 alunos que frequentam as aulas com certa regularidade, divididos em 3 etapas (II, III, IV).

Em 2011, essa modalidade de ensino continuou em pleno funcionamento nesta escola, apesar de algumas deficiências estruturais e funcionais, tais como: falta de professor para o laboratório de informática; uma quadra poliesportiva mais adequada, já que a atual é de cimento e brita, o que faz com que muitas vezes nem a utilizemos, pois, além disso, não tem uma boa iluminação no pátio, entre outras dificuldades.

Ao longo dos anos a nossa realidade foi se transformando, especialmente com a vinda de empresas para essa localidade, como é o caso da Rexam¹ e da AMBEV²; esta última devido à qualidade de nossa água, para ser utilizada na produção de bebidas (ver figura 1 abaixo). Assim como a expansão imobiliária, pois antigamente as pessoas compravam sítios para apenas passarem o fim de semana; hoje na busca de uma melhor qualidade de vida, já passam a morar nesta localidade. Aquela zona que era considerada rural, hoje, no entanto, já não é mais tão rural assim, pois juntamente com as inovações, surgiram problemas sociais que acontecem nos grandes centros. E tudo isso passou a se refletir na escola, pois os alunos são frutos dessa comunidade em transformação. Porém, a maioria destes alunos ainda é oriunda de pais com pequenas propriedades, que moram em sítios dos assentamentos da região, ou de famílias que vieram transferidas para trabalhar nas empresas aqui instaladas, ou que cuidam de sítios.



**Figura 1 - Fonte das Águas Claras, uma beleza natural: Situada na RS 040, frente à escola.
Fonte: elaborada pela autora**

¹ Rexam- multinacional inglesa, fabricante de embalagens metálicas para bebidas e plásticas para bens de consumo.

² AMBEV- Companhia de Bebidas das Américas- American Beverage Company

Para caracterizar as especificidades da evasão na EJA no meio rural e procurar entender um pouco mais sobre estas transformações do rural para o urbano, busquei na revisão bibliográfica referências que pudessem mapear a história da educação no meio rural brasileiro, conforme capítulo 5, a seguir..

5 EDUCAÇÃO NO MEIO RURAL

Segundo Marinho (2008), desde o período Colonial, que durou de 1549 a 1808, já não tínhamos uma Educação propriamente rural, embora a população fosse predominante do campo. Havia apenas instituições de ensino nestes locais, já que, para trabalhar no campo, não era preciso saber ler nem escrever, sendo mais fácil manipular as pessoas. Na época, o que importava era a lei do mando e a elite não precisava da educação, esta não representava nenhum valor. Não havia preocupação com uma educação para o homem do campo, de acordo com as suas especificidades, apenas havia a educação para aqueles que moravam na zona rural, no mesmo formato de uma educação para a zona urbana.

Com a expulsão dos jesuítas a educação sofre um retrocesso ainda maior. Mesmo a maior parte da população brasileira se concentrando na zona rural, vários grupos não tinham o direito ao seu acesso e, desde então, passamos a perceber as raízes do analfabetismo na zona rural de nosso país.

No final da primeira década do século XVIII, a população que se concentrava no campo migrou para a cidade em busca de trabalho. Surge então, o movimento denominado “ruralismo” na tentativa de convencer o homem a permanecer no campo. Vem também o “ruralismo pedagógico”, que tinha como objetivo despertar o homem para a zona rural e fixá-lo no campo, ofertando escola de “natureza rural”. Entretanto, o pano de fundo era a mão de obra barata e uma população ignorante; não havia realmente a preocupação com o analfabeto do meio rural. Em Ghiraldelli Jr. (1994, p.64), encontramos que: “Essa educação que o ruralismo pedagógico previa não ocorreu. Não se pensava numa educação rural de qualidade, mesmo tendo em 1920, 75% da população rural analfabeta”.

A intenção era a de que esse tipo de educação não desenvolvesse no homem uma consciência crítica, para que ele continuasse sendo submisso, aceitando a situação dominadora, mantendo o “*status quo*”, não passando de uma educação reprodutivista, mantendo as classes sociais.

O Primeiro Congresso Nacional de Ensino Regional, realizado em Salvador, na Bahia, em 1935, lançou a proposta de uma escola normal rural, sendo fundada a primeira escola neste modelo em Juazeiro, no Ceará. Após, na Bahia, Pernambuco e em Goiás foi introduzido no seu programa curricular, uma cadeira referente à educação rural e a idéia foi se difundindo pelo país.

Com a volta de Getúlio Vargas ao poder, a educação recebe uma atenção especial - a zona rural em especial, tanto que, em 1937, funda-se a Sociedade Brasileira de Educação Rural, na tentativa de erradicar o analfabetismo no país. Até 1963 continua essa euforia relacionada à educação.

A Primeira Lei de Diretrizes e Bases nº 4024/61, nos seus artigos 32, 57 e 105 previam um ensino rural e a formação de pessoal capacitado para esse ensino.

Desde o ano de 1950, ocorreram várias iniciativas em torno de uma educação para a zona rural, sendo a mais significativa, por se tratar de uma ação governamental, a Campanha Nacional de Educação Rural - CNER, sendo extinta pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 1963, juntamente com as demais Campanhas.

Com o insucesso dessas campanhas, não atingindo os objetivos propostos, torna-se claro que não se pode ter na zona rural a mesma proposta educacional da zona urbana e vice-versa. As realidades são adversas e requerem conteúdos e métodos diferenciados, coerentes com o seu meio e público alvo.

Em 1960, surge o método Paulo Freire que em Angicos (RN), no ano de 1962, alfabetizou 300 trabalhadores rurais, em 45 dias. Porém, este método não ia ao encontro da proposta do governo.

Nas décadas de 60 e 70, o analfabetismo passou a ser visto como um empecilho para o desenvolvimento, já que era necessária uma mão de obra qualificada, tendo em vista a industrialização. Os governos Estadual e Federal passam a ter como objetivo uma educação voltada à preparação do homem da zona

rural, visando dar a conhecer e aprender as novas técnicas que se dirigem ao campo. Mas, quais as significações que foram atribuídas ao rural?

5.1 AS TRANSFORMAÇÕES DO MEIO RURAL E A CONSTRUÇÃO DO “RURURBANO”

No meio acadêmico é frequente a distorção do uso de campo com rural e cidade com urbano. O IBGE ainda trabalha com as categorias “rurais” e “urbanas”, conforme vários trabalhos analisados. Sugere-se, no entanto, que sejam usados os termos “campo” e “cidade”, pois ambos são espaços de manifestação de identidades sociais que configuram ruralidades e urbanidades, distinguindo o urbano do rural nas práticas sociais, nas identidades constituídas por cada indivíduo, agente social ou instituição.

A expansão das inovações tecnológicas, essas provenientes dos espaços “urbanos”, se propagou também para os locais classificados como “rurais”. Devido a este fato, a população considerada como “rural”, cada vez mais passa a se inserir em atividades não agrícolas, abandonando o setor primário, devido à mecanização. Essa mistura de campo, rural e agricultura, por sua vez, criou uma linha de pensamento denominada “urbanização do campo” ou “urbanização rural”. Graziano da Silva (1999) vem, então, a se inserir nesta corrente, se baseando no rural/urbano e reforça a idéia de “espaços rururbanos”.

Milton Santos, nos livros “A Urbanização Brasileira”, de 1994 e “Metamorfoses de Espaço Habitado”, de 1998 diz que cidade e campo são considerados como formas no espaço, enquanto rural e urbano especificam o conteúdo social destas formas. Sendo assim, expressões como “espaço agrário”, “espaço rural” ou “espaço urbano”, deixaram de ser utilizadas indiscriminadamente, já que o uso do território pode ser agrícola, conter traços de sociabilidade adjetivados de rurais, sem torná-lo especificamente “rural”.

Para Carneiro (2003), a idéia de ruralidade se refere ao processo social, sobre o “mundo rural”, ao processo de transformação e as manifestações do “rural”, incluindo o urbano no rural e o rural no urbano.

Os termos "rural" e "urbano" aparecem, na maioria das vezes como o conjunto de formas concretas a compor espaços produzidos pela sociedade, consolidado para alguns autores como Kayser (1996), Veiga (2002), Graziano da Silva (1999). Em outros momentos, aparecem como conteúdos ou significados das práticas sociais.

As categorias rural e urbano não designam espaços ou propriedades empiricamente observadas, mas representações sociais. Assim, chegamos a desnaturalização de referências empíricas que sustentam essa dualidade, tornando possível reconhecer experiências e relações sociais tidas como rurais, mas que se manifestam em espaços considerados urbanos. Nestes termos, o rural pode ser, em alguns contextos, expressão de tradição, de autenticidade, de relações interpessoais, do simples, como também pode, através de uma reelaboração simbólica por parte dos atores sociais, conter ícones de modernidade e ser expressão de uma modernização que se realiza em espaços tipicamente urbanos (CARNEIRO,2003, p.9).

Para Santos (1998), campo e cidade são materialidades, concretizam-se como paisagens contrastantes. Ruralidades e urbanidades são racionalidades lógicas, manifestam-se por meio de nossos atos, através das práticas sociais. Em relação aos sujeitos, são conteúdos incorporados no curso de vida. Em relação às instituições ou agentes coletivos são ora incorporados, ora herdados. Portanto, são representações provenientes de diferentes universos simbólicos, reproduzidas por cada indivíduo em seu convívio social.

Tanto no campo, como na cidade, nos deparamos com variados exemplos de novas identidades rurais ou manifestações de ruralidades. Se referindo à economia, temos o turismo rural em espaços campestres. Na política temos os movimentos sociais como o Movimento dos Sem-Terra (MST). Associada à cultura, aparece à reaproximação da população citadina pela natureza, a expansão da música sertaneja, os hábitos de origem country. Já as urbanidades, em relação à economia, têm a divisão social do trabalho, tanto no campo como na cidade. Com a cultura, se manifestam com a emancipação feminina e a redução da divisão sexual do trabalho.

Já associada à política, se revelam no planejamento e nos planos de gestão do território, na crescente densidade normativa.

São estas identidades sociais que interessam à escola em sua organização curricular. É (re) conhecer que são os sujeitos que demandam a escolarização na EJA para adequar o currículo escolar às suas realidades e não, ao contrário, exigir que estes se adaptem ao que já está programado, pois isto pode ser um dos fatores de desmotivação que levam à evasão.

5.2 A ESCOLA NO CONTEXTO “RURURBANO”

Mesmo com os movimentos de abertura política no início dos anos 80, a educação na zona rural continuou a ser pensada, em sua grande maioria, com os parâmetros da educação urbana. Algumas ações proporcionadas, especialmente a partir da reflexão sobre as escolas itinerantes do MST, foram implementadas para deslocar a lógica do êxodo do campo para a cidade. Porém, muito ainda há para refletir sobre uma escola que contemple as especificidades de quem vive no meio rural e, em especial, as transformações sociais, econômicas e culturais que este meio vem sofrendo, como vemos na nossa comunidade escolar.

A educação na zona rural precisa ter como princípios básicos a promoção humana e social, valorizando e aproveitando melhor o ambiente em que vivem, assim como os recursos naturais ali existentes. Precisa respeitar as características do meio rural, já que o seu contexto não é o mesmo de uma zona urbana, o elemento distância se faz presente, uma casa é distante da outra, a escola é longe de casa, o centro da cidade é bastante afastado da zona rural. É preciso valorizar os recursos humanos da própria comunidade, talvez, investir, especialmente, nos professores que já fazem parte desta localidade.

A nossa escola não é, e nem nunca foi, uma “escola de campo”, embora esteja situada em uma zona ainda considerada juridicamente rural, mas nesta, especialmente de uma década para cá, coexistem alguns aspectos de características urbanas. Apesar de ter muitos pais e filhos que têm como atividade

principal a agricultura e a pecuária, o nosso PPP não contempla uma educação voltada para essa especificidade.

Percebemos essas transformações no próprio público que atendemos, pois mudou bastante do ano de 2003, desde quando iniciou a Educação de Jovens e Adultos em nossa escola, até o ano de 2011. Inicialmente tínhamos educandos com uma faixa etária mais avançada, atualmente as idades estão bem equilibradas. O problema com drogas, pichações era quase inexistente, hoje precisamos estar preparados para trabalhar com essas situações e fazer projetos na tentativa de alertar e prevenir os alunos sobre os malefícios e as conseqüências do uso de substâncias tóxicas, bem como as penalidades para as práticas de pichações. A maioria dos alunos trabalhava com agricultura e pecuária, hoje trabalha no comércio, como atendentes, balconistas ou fazendo faxina. O campo é deixado um pouco de lado e o setor terciário é que ganha destaque na empregabilidade destes sujeitos.

De acordo com um levantamento de demandas, realizado em 2010 nesta mesma escola com alunos da EJA, quando solicitadas sugestões de cursos profissionalizantes a informática ganha destaque com 54%. A agricultura e a pecuária vêm empatadas logo abaixo, com 14%. Este resultado mostra a perspectiva destes jovens e adultos para se inserir no mundo do trabalho, mas não voltada para o trabalho no campo.

Aqui entra a importância do olhar atento da escola com as reais necessidades destes sujeitos, para que recebam uma formação que consideram significativa. Com isso, não se afastando do ambiente escolar, superando a situação de fracasso escolar, a repetência e a evasão.

De acordo com Charlot (2000, p.20):

Aprender é apropriar-se do que foi aprendido, é tornar algo seu, é interiorizá-lo. Contudo, aprender também é apropriar-se de um saber, de uma prática, de uma forma de relação com os outros e consigo mesmo que existe antes que eu a aprenda, exterior a mim.

Enfim, o que é aprendido só pode ser apropriado pelo sujeito se fizer sentido para ele. Tendo em vista, que nosso público é de jovens e adultos, alguns já

inseridos no mundo do trabalho e outros na tentativa de também fazer parte deste grupo, não podemos “simplesmente” nos preocupar com conteúdos, mas ir além. Descobrir quais são os reais desejos do aluno, o que precisa e gostaria realmente de saber, o que vai colaborar em sua vida. Verificar o sentido e o valor de um saber.

5.3 A ESCOLA INSERIDA NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS MUNICIPAIS

Em novembro de 1998, o município de Viamão deu início ao Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos (AJA), através de um convênio entre Prefeitura Municipal e MEC/FNDE, tendo em vista o baixo índice de escolarização da população jovem, assim como de analfabetos, de acordo com os dados do IBGE/1991. O projeto seguiu os princípios da Proposta Pedagógica Construtivista pós-piagetiana, com assessoria inicial do Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação - GEEMPA.

De novembro de 1998 a outubro de 1999, um total de 862 pessoas foram alfabetizadas no município. Essa vontade de aprender dos jovens e adultos fez com que, em março de 2000, se desse início ao Programa de Educação de Jovens e Adultos - EJA, proporcionando às pessoas com idade a partir de 15 anos, que não tiveram acesso à Educação Básica ou continuidade de estudos nas séries iniciais (1ª à 4ª série) a oportunidade de dar sequência aos estudos do Ensino Fundamental.

No 1º semestre de 2000, foram atendidos 900 alunos entre alfabetização e turmas multiseriadas de 2ª à 4ª séries, constituindo 51 turmas, envolvendo 46 escolas municipais da rede, uma ONG e uma escola estadual. Assim, cada etapa entre alfabetização e 4ª série, compreendia um período de três meses, sendo o aluno promovido ao final do período para a etapa seguinte.

No ano de 2001, as escolas municipais contaram com 1052 alunos matriculados nas etapas 1 (1ª e 2ª séries) e 2 (3ª e 4ª séries) e uma média de 400 alunos cursando a 5ª série. Nesse período foi construído o Regimento da EJA juntamente com a rede municipal de ensino, sendo o Regime de Ensino por Etapas do Conhecimento, tendo sido ampliado o atendimento para as etapas I,II,III e IV. Em

2002, a EJA contou com 2233 alunos matriculados, distribuídos por 20 escolas do município, sendo apenas uma de zona rural, a EMEF Cristiano Vieira da Silva.

Em 2003, esse número aumentou para 2800, beneficiando também a nossa escola com essa modalidade, tendo agora duas escolas de zona rural com a EJA. No ano de 2006, ainda permaneciam 20 escolas com a modalidade EJA, porém nem todas com as 4 etapas.

No ano de 2007, presenciamos uma situação retrógrada em nosso município. Das 20 escolas que atendiam essa modalidade de ensino, restaram apenas 14, sendo a nossa uma delas e a única da zona rural e, até 2010, esse número só diminuiu. Em 2008, contamos com 8 escolas e, de 2009 a 2010, com 5 escolas. Em 2009, tínhamos em nossa escola as 4 etapas, já em 2010, foi cancelada a I Etapa, atendendo somente as etapas II, III e IV, sendo que as outras 4 escolas só permaneceram com a IV Etapa. O município, neste meio tempo, adotou o PROJOVEM³. Tendo em vista, porém, o insucesso deste programa, foi repensada a questão da EJA, e neste ano de 2011, 6 escolas do município dispõem da Educação de Jovens e Adultos. Destas, apenas duas com a II Etapa, a nossa, de zona rural e a EMEF Marechal Humberto Castelo Branco, no centro da cidade, atendendo de forma multiseriada.

A base curricular da EJA, até o ano de 2010, adotada de forma única nas escolas da rede municipal estabelecia os seguintes eixos temáticos: Comunicação, Ciências Sócio-Históricas, Ciências Biológicas e Exatas, Expressão Artística e Física e Cidadania e Trabalho. A partir do ano de 2011, a Coordenação da EJA, da Secretaria Municipal de Educação, vem tentando unificar tudo o que diz respeito a essa modalidade, desde os objetivos, conteúdos, pareceres, cadernos de chamada, já que antes cada escola tinha a sua própria organização, até uma reestruturação da Base Curricular trocando os eixos temáticos pelas seguintes disciplinas: Português, Matemática, Língua Estrangeira, História, Geografia, Ciências, Artes, Educação Física e Ensino Religioso.

³ Programa Nacional de Inclusão de Jovens

De eixos temáticos mudamos para disciplina, saindo do currículo a Cidadania e Trabalho, que promovia um momento de reflexão sobre o mundo do trabalho e através da qual desenvolvíamos nossas atividades diferenciadas como passeios, palestras, torneios, entre outros. Na disciplina de Cidadania e Trabalho, tentamos mostrar a estes jovens outras perspectivas deste mundo, ao contrário do que estão acostumados, e destacando a importância e o valor do estudo, fazendo com que percebam que a atitude de voltar a estudar não deve ser motivo de vergonha, mas de orgulho. O poeta Antônio Machado é lembrado nessas ocasiões: “Caminhante não há caminho/Se faz caminho a andar...”

Será que vamos ter que desistir de algo que vinha dando certo, pelo menos em nossa escola? E que estratégias nos possibilitarão a permanência destes alunos na Educação de Jovens e Adultos? (ver Anexo 4)

Essas práticas educativas, com certeza, se constituíram em um momento pedagógico de humanização, pois todos os alunos, professores e funcionários, se sentiam estimulados a participar das atividades, aproximando mais uns dos outros e fortalecendo os laços de amizade. Especialmente aqueles jovens que, de certa forma, foram excluídos do Ensino dito Regular, ou com várias repetências, ou com evasões esporádicas e retornos, deram outro significado para a escola. Surge um sentimento de acolhimento e não mais aquele distanciamento, contribuindo na sua construção como sujeito, mostrando que a escola é um espaço de construção de referências positivas, um local de encontro de relações sociais de qualidade.

Posso arriscar a dizer que estas atividades fizeram com que nossos educandos se sentissem pertencentes àquela instituição, trazendo a esperança de uma vida menos inumana. Fizeram também com que os mesmos permanecessem na escola, diminuindo o índice de evasão, possibilitando a vivência de uma ação participativa na prática efetiva da escola e da sala de aula. Isto porque nossa metodologia de trabalho tem por base o respeito às especificidades do nosso público, tendo um olhar mais sensível a tudo que é relevante para esses sujeitos, adotando um modelo mais flexível de escola, mostrando que a sua presença é importante. Então, quando faltam dois, ou três dias consecutivos já telefonamos para

saber o que está acontecendo, fazendo com que eles percebam que notamos a sua ausência.

Durante o desenvolvimento dos projetos conhecíamos melhor nossos educandos, seu contexto socioeconômico, suas experiências socioculturais, suas demandas e suas necessidades. Hoje em dia também fazemos atividades diferenciadas, mas não na mesma proporção, já que temos vários conteúdos a cumprir, o que dificulta um pouco a nossa aproximação com esses educandos. A cada dia que passa, a região cresce mais, pessoas dos grandes centros se deslocam para cá, trazendo suas características, seu modo de vestir e, infelizmente, também alguns maus exemplos, como a indisciplina, a rebeldia, a droga, a violência, entre outros.

No mundo, as disciplinas não aparecem de forma separada, e um projeto que vinha dando certo como é o que fazíamos dentro da disciplina de Cidadania e Trabalho, não poderia ter sido retirado do currículo, por mais que soubéssemos que em outras escolas não estivesse funcionando.

Percebi certo engessamento, nessa reestruturação por disciplina. Ao não se referir à questão trabalho, está se equiparando ao modelo do “ensino regular”, não levando em conta as especificidades do nosso público. É preciso estar bastante atento, pois a evasão, a repetência, a situação de fracasso escolar também está ligado à má organização do currículo, especialmente quando os conteúdos ensinados não têm relação com a realidade do aluno, ou o currículo se resume em uma simples adaptação do conteúdo do Ensino Fundamental. Vale lembrar, que cada escola tem suas características, que são próprias da comunidade na qual ela está inserida, e que isto deve estar bastante presente na elaboração dos conteúdos, pois cada escola deverá e precisará trabalhar de forma diferenciada estas especificidades.

Um aspecto do aluno da EJA é sua especificidade cultural, presente na situação de excluído da escola regular. Em segundo, é a adequação dos currículos e programas para uma clientela que a princípio não é a sua. (OLIVEIRA, 1999).

Oliveira (1999) menciona que as situações de aprendizagem apresentadas não podem ser as mesmas do ensino regular, uma vez que os adultos possuem dificuldades e habilidades particulares, e uma capacidade maior de reflexão sobre si mesmo e o seu processo de aprendizagem. Entre as dificuldades do aluno da EJA, referentes à escola, encontramos a importância da experiência pessoal, as dificuldades de abstração dos conteúdos, a sistematização dos mesmos e o restrito uso de processos metacognitivos.

Enquanto educadores, através de diversas estratégias, precisamos atingir o interesse do nosso aluno, para que este permaneça estudando e perceba que a função da escola não é tão somente ensinar a ler e escrever. Nem tampouco, apenas como um processo intelectual, lógico, entretanto essencialmente afetivo e social, e que exista esta conexão entre o sujeito e o saber, pois toda relação com o saber é também relação consigo, com o outro, com o mundo. Essa formação mais ampla é indispensável, para que eles desenvolvam o espírito crítico e este era o movimento que fazíamos na disciplina de Cidadania e Trabalho.

Outro elemento ligado às políticas públicas e que merece uma atenção especial, principalmente por se tratar de uma zona rural em transição para o “rururbano”, é o transporte, que em grande parte impossibilita a frequência dos sujeitos na escola. Faz-se necessário um envolvimento maior dos órgãos públicos, proporcionando a estas pessoas que querem estudar (e vários necessitam estudar para se inserir no mundo do trabalho), uma forma de não deixar que se evadam por conta da dificuldade de transporte. O que falta é um olhar mais voltado a estas pessoas e que as políticas públicas dêem conta dessa demanda, como estabelece o art. 37§1º da Constituição Federal de 1988:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Em um jornal do nosso município, o Correio Rural de 04/03/2011 (anexo 5), foi publicada uma reportagem bastante interessante, sobre a passagem escolar gratuita. A matéria deixou claro que existe no município, uma lei que já está em vigor há dez anos, dentro do projeto “Viamão sem evasão”, contemplando os alunos matriculados nas escolas da rede pública, inclusive os **estudantes da EJA e da zona rural**⁴. Infelizmente, na EJA esta regra não funciona, pois nem mesmo o cadastro é disponibilizado aos mesmos. Ao pedirmos explicações para a Secretaria de Educação a resposta foi clara: “aluno da EJA não tem direito” mesmo previsto em lei municipal.

Isto é falta de conhecimento dos governantes ou má vontade ao cumprimento da Lei, prejudicando logo quem mais precisa do apoio do governo?

Desde 2010, estou na luta para conseguir este auxílio, porém até agora não obtive muito êxito. Este ano novamente conversei e pedi ajuda aos dirigentes da Secretaria de Educação para resolver este problema de transporte e não perder mais alunos quando está frio ou chove. Até o início do mês de maio já ocorreram quatro evasões em virtude da falta de passagens. As pessoas contatadas prometeram estudar o caso. Entretanto, o tempo está passando, o inverno chegando e as evasões continuam aumentando. Para minha surpresa, na segunda semana de maio de 2011, vieram algumas folhas para o cadastramento dos alunos da EJA para possível recebimento de passagens escolares gratuitas, exigindo uma série de critérios, tais como: documento de identidade, comprovante de residência, cópia da carteira de trabalho, não ter sido reprovado no ano anterior nem evadido. Nesta última exigência encontra-se o maior problema, já que muitos evadiram por este mesmo motivo, e o problema que os impediu de estudar no ano anterior pode novamente os impedir de estudar este ano. Para todos aqueles que precisam de transporte, distribuí as fichas de preenchimento de cadastro, inclusive para aqueles que evadiram no ano anterior por este motivo. Tentei, inclusive, entrar em contato com alunos que já se evadiram este ano, porém não fiquei esperançosa quanto ao retorno destes.

⁴ Grifo da autora

Outro problema que apareceu no ano de 2010 foi a distribuição realizada pela Secretaria de Educação, de kits escolares para os alunos do ensino fundamental “regular”. Entretanto, os alunos da EJA não foram contemplados. Na tentativa de obter uma resposta esclarecedora para esta “exclusão” me foi justificado que a verba que vem para o aluno da EJA é bem menor que a do aluno do ensino fundamental “regular”. De fato, isto faz certo sentido, já que o valor mínimo de repasse às escolas previsto pelo FUNDEB é, em média, 20% inferior ao que se destina a estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Cada aluno da EJA tem como valor anual mínimo, R\$ 1.377,00 contra R\$ 1.722,00 dos alunos de anos iniciais do Ensino Fundamental. Fica, portanto, o seguinte questionamento: será que alunos da Educação de Jovens e Adultos são 20% menos importantes quando comparados aos demais? No dia 30 de Maio de 2011, os alunos da EJA também foram contemplados com os Kits.

No mês de Agosto, dois alunos foram contemplados com a passagem escolar e já estão utilizando do benefício. A nossa escola foi a única beneficiada, tendo em vista a nossa insistência e, acredito eu, também por se tratar de uma escola de zona rural. Lamento o número reduzido de passagens disponibilizadas, mas vamos continuar lutando para que este benefício se estenda a outros alunos, colaborando para a diminuição do índice de evasão.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No início do ano letivo, os alunos procuram a (re) escolarização, pois a consideram importante. Entretanto, com o decorrer dos dias percebe-se o aumento da taxa de infreqüência, resultando na evasão.

Mesmo com o enorme esforço da escola como um todo para conseguir a freqüência destes alunos, é algo desafiador assegurar a permanência dos mesmos. A evasão vem, então, como resultado de uma situação de fracasso escolar do aluno e da própria instituição.

A preocupação com a evasão nos mobiliza de duas maneiras: através de medidas para resgatar o aluno já evadido ou através de incentivos com aquele que está frequentando para que permaneça estudando. No primeiro caso, podemos citar as visitas, telefonemas, envio de recados quando o acesso é mais dificultoso. No segundo, desenvolvemos estratégias em sala de aula com mensagens de motivação, tentando aproximar ao máximo o conteúdo à realidade do aluno, para que seja significativo, faça sentido o que está sendo estudado. Também utilizávamos, e de certa forma ainda continuamos utilizando, mas não de forma tão intensa, o projeto desenvolvido na disciplina de Cidadania e Trabalho, com atividades ligadas ao lazer, à cultura e ao mundo do trabalho, já que no contexto onde estão inseridos, não há praticamente espaços para tais atividades.

A evasão escolar não é um fato espontâneo e natural, vários fatores a produzem, como menciona Arroyo (1991). Para que esse fenômeno não se torne uma constante na nossa realidade educacional, é preciso que todas as partes envolvidas se mobilizem - a escola, a equipe diretiva, alunos, professores, sociedade e políticas públicas educacionais. É preciso que caminhem juntas, visando transformar parte da realidade que tem produzido esta situação de fracasso e evasão escolar.

A educação deve ser trabalhada como uma atividade humana e transformadora, visando a emancipação dos sujeitos, sendo que seus conteúdos devem atingir as diversas áreas do conhecimento. A EJA é uma exigência de justiça

social, onde as oportunidades educacionais não devem se reduzir “a uma ilusão e à escolarização tardia de milhares de cidadãos, nem se configurar como mais uma experiência de fracasso e exclusão”. (RIBEIRO et al., 1997, p.14).

Por opção metodológica, primeiramente estarei analisando os dados mais gerais referentes à evasão da EJA no município de Viamão e, em seguida, os dados da evasão na EMEF Apolinário Alves dos Santos, conforme descrito no item 6.1 a seguir.

6.1 PERCENTUAL DE EVASÃO NO MUNICÍPIO DE VIAMÃO

Conforme dados apresentados na Tabela 1 e representados no Gráfico 1 abaixo, pode-se observar que do ano de 2002 até 2005, houve um aumento do número de alunos, quase que dobrando a quantidade, e proporcionalmente um aumento no índice de evasão de quase 10%. Percebe-se, no entanto, que se manteve o mesmo número de escolas com a EJA. Em 2006, os dois índices ficaram menores, tanto o referente ao número de alunos quanto à evasão. Em 2007, diminuiu sutilmente o número de alunos, porém houve um aumento no índice de evasão em relação ao ano de 2006. Das vinte escolas com essa modalidade de ensino, o número foi reduzido a quatorze. De 2008 em diante, com o fechamento gradual da EJA em nosso município, o número de alunos foi diminuindo e, conseqüentemente, também a taxa de evasão.

Para este fator de redução na taxa de evasão, existem prováveis causas, que se destacam entre elas:

- Como as escolas ficaram distribuídas por pólos, sendo a nossa o pólo da zona rural, dificultou ainda mais o acesso dos alunos, representando a queda desse número;
- Pela dificuldade de transporte, muitos alunos se afastaram, permanecendo apenas aqueles alunos que realmente queriam e precisavam estudar, ou que dele não dependiam;

- Face à possibilidade do fechamento das modalidades de EJA no município, incluindo a dessa escola e, sendo que na zona rural a nossa escola é a única com Ensino Fundamental - nem o Estado fornece tal modalidade -, então os alunos resolveram continuar seus estudos até os concluir; e
- Cobrança do empregador pela escolaridade.

Tabela 1 – Percentual de evasão no município de Viamão

Ano	Matricula Geral	Matricula Real	Aprovados	Reprovados	Transferidos	% evadidos	Número de escolas com EJA
2002	2362	1045	415	95	807	34,17	20
2003	4149	1633	952	448	1527	36,80	20
2004	4722	1787	862	180	1887	39,96	20
2005	4224	1528	743	194	1759	41,64	20
2006	4024	1606	796	174	1448	35,98	20
2007	3168	1397	320	96	1355	42,77	14
2008	1597	697	237	53	610	38,20	8
2009	481	214	78	35	154	32,02	5
2010	471	267	51	17	136	28,87	5

Fonte: elaborado pela autora

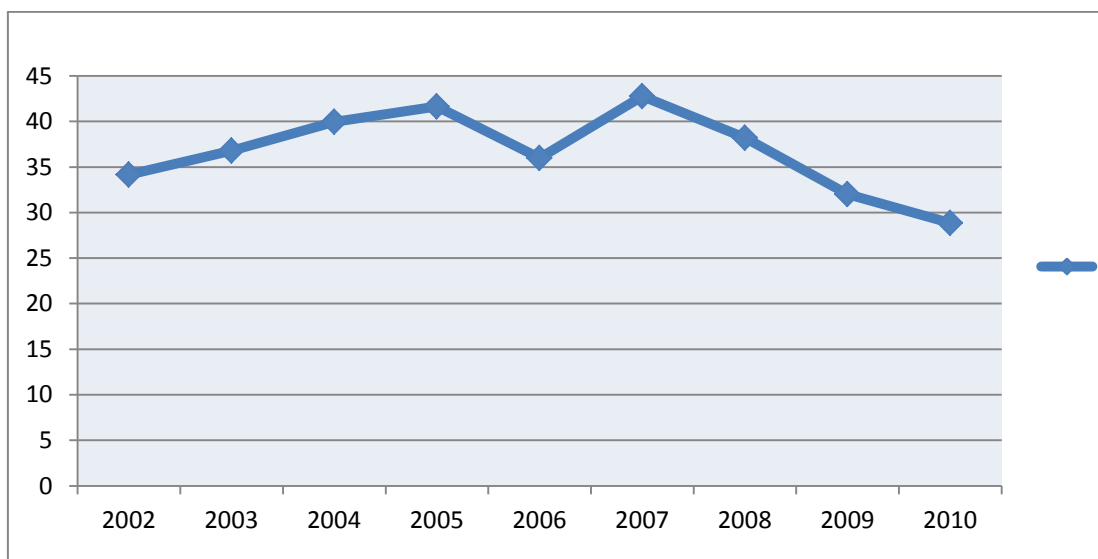


Gráfico 1 – Percentual de evasão no município de Viamão

Fonte: elaborado pela autora

6.2 PERCENTUAL DE EVASÃO DA EJA NA EMEF APOLINÁRIO ALVES DOS SANTOS

Diante dos dados representados no Gráfico 2, percebe-se que do ano de 2006 a 2010, houve uma diminuição no número de alunos e uma diminuição no índice de evasão.

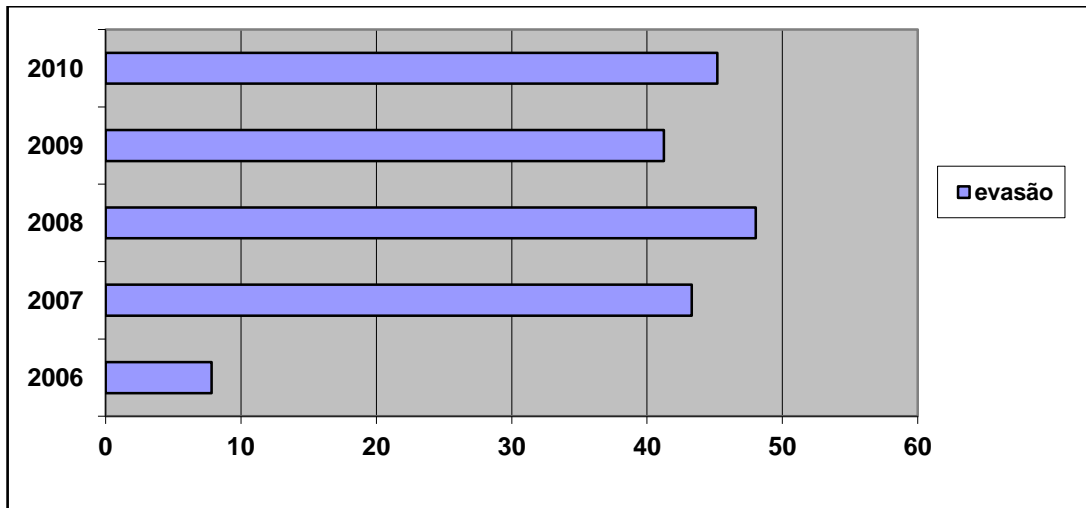


Gráfico 2 – Percentual de evasão da EJA na EMEF Apolinário Alves dos Santos
Fonte: elaborado pela autora

Com esta constatação, surgiu o seguinte questionamento: O que está acontecendo com estes jovens e adultos que estão se afastando do ambiente escolar?

Para dar conta de responder a esta questão, realizei um questionário semi-estruturado (anexo 2), que foi aplicado aos dezesseis estudantes evadidos da EJA desta escola, sendo oito do sexo feminino e oito do sexo masculino.

Muitos alunos relataram que o horário do trabalho não era compatível com os horários das aulas, especialmente no verão quando a jornada se prolongava devido à troca de horário, pois a maioria trabalha no comércio, não existindo nenhuma flexibilização por parte do empregador para que estes sujeitos pudessem frequentar a escola, então precisavam se afastar. Nesta parte da pesquisa aparece um novo elemento, que é o abandono de atividades ligadas ao campo para vinculação com atividades do setor secundário e terciário, exemplificando a transição do “rural” para o “rururbano”.

Exemplo da fala de J. (19 anos, casado):

Em 2011 comecei na III Etapa, mas tive que parar por causa do trabalho na fábrica, me arrependo por ter parado de estudar, ainda mais que de noite é melhor, prestamos mais atenção, os professores deste ano são melhores, explicam mais, até matemática tava entendendo, aprendi muita coisa, e quero retornar.

Esse aluno concluiu, em 2009, a II Etapa, ingressou no início de 2011 na III Etapa, porém em função do horário de seu trabalho precisou parar. Entretanto, após uma conversa com o mesmo, ele tentou voltar, não tendo novamente como conciliar. Em seu relato disse que estava muito cansado, o que dificultava sua concentração em sala de aula, além de chegar todos os dias atrasado.

Problemas pessoais também foram apontados como elementos impeditivos para os estudos. No caso das mulheres apareceram situações, tais como: ciúmes do marido, não ter com quem deixar os filhos pequenos, casamento, gravidez inesperada, cuidar da casa, proibição do pai, entre outros. Alguns dos entrevistados de ambos os sexos, em especial, na faixa etária acima de 40 anos, relataram que não recebiam incentivos da família para dar continuidade à escolarização.

Em 2008, voltei a estudar, mas tive que parar porque não fechava o horário do meu serviço com o da escola. Em 2009, voltei novamente, porém fiquei grávida e não consegui dar conta do serviço, gravidez e escola, então tive que sair do colégio. Se eu pudesse teria terminado bem antes, sem ter filho e ter que se preocupar com serviço. Este ano não vou desistir. (F. 21 anos, solteira)

Essa aluna, no final de abril, começou a frequentar as aulas e disse que a EJA era uma oportunidade para as pessoas mais velhas, assim como para ela continuar a estudar. Disse que o estudo ajudaria no futuro do seu filho. Entretanto, as faltas constantes causaram novamente a evasão. Mesmo com a tentativa de resgatá-la fracassamos, e como justificativa, argumentou que nem sempre sua mãe pode cuidar de seu filho para que ela possa frequentar a escola e seu salário não comporta pagar uma pessoa para cuidar da criança.

De acordo com MEKSENAS (1998, p.84) em um estudo desenvolvido sobre a evasão escolar dos cursos noturnos:

A evasão destes se dá em virtude dos mesmos serem obrigados a trabalhar para sustento próprio e da família, exaustos da maratona diária e desmotivados pela baixa qualidade de ensino, muitos adolescentes desistem dos estudos sem completar o estudo secundário.

Ao analisar os dados referentes à idade destes alunos que já se evadiram da EJA, de acordo com o Gráfico 3, verifiquei que a maioria está situada na faixa etária entre 15 e 19 anos de idade e entre 30 e 39 anos, ambas correspondendo a 30%. A faixa de 20 a 29 anos, e a de mais de 40 anos representam 20%. Aqui fica claro a mudança do público da EJA, pois no ano de 2003, quando se iniciou esta modalidade na escola, a maioria eram pessoas mais velhas, bem como aqueles que se evadiam. Como podemos ver pelos perfis levantados por esta pesquisa entre os evadidos, há um percentual equiparado de faixas etárias.

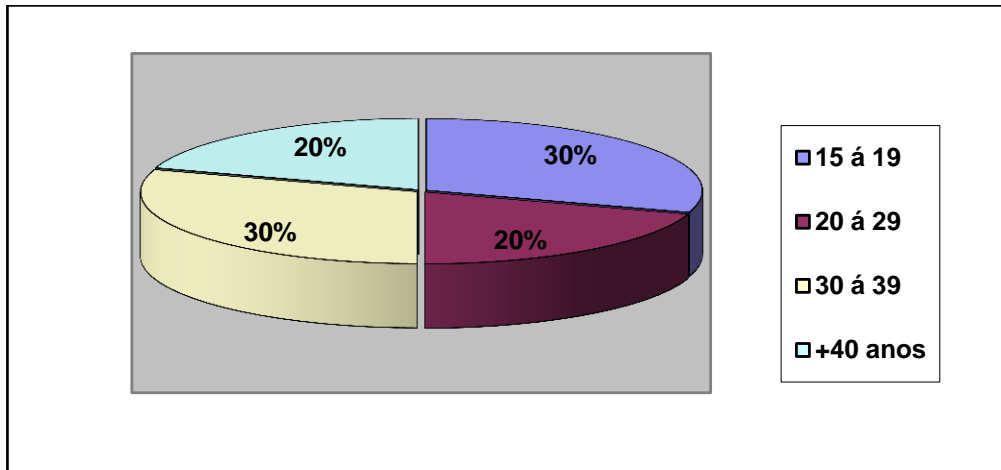


Gráfico 3 – Faixa etária
Fonte: elaborado pela autora

Dos alunos entrevistados, conforme mostrado no Gráfico 4, 43% nasceram em Viamão, 19% em Porto Alegre e na Região Metropolitana e 38% no interior do Estado.

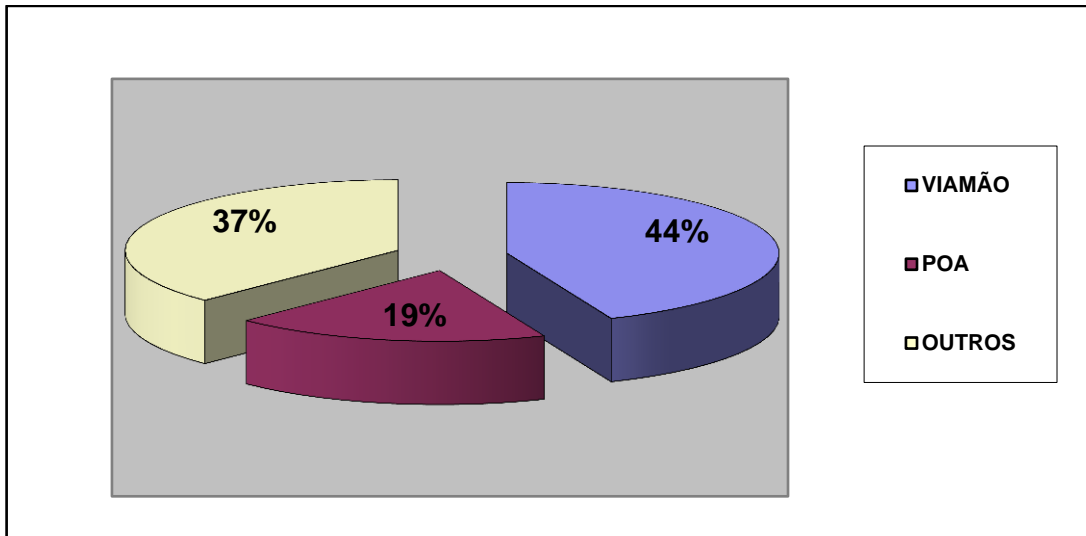


Gráfico 4 – Local de Nascimento

Fonte: elaborado pela autora

Em relação ao estado civil, conforme representado no Gráfico 5, 50% são solteiros, já que a maioria é bastante jovem, 25% ajuntados, que são aqueles que mantêm uma relação afetiva, morando juntos, 13% casados, considerando aqueles que têm uma união legalmente acordada, 6% separados e 6% viúvos.

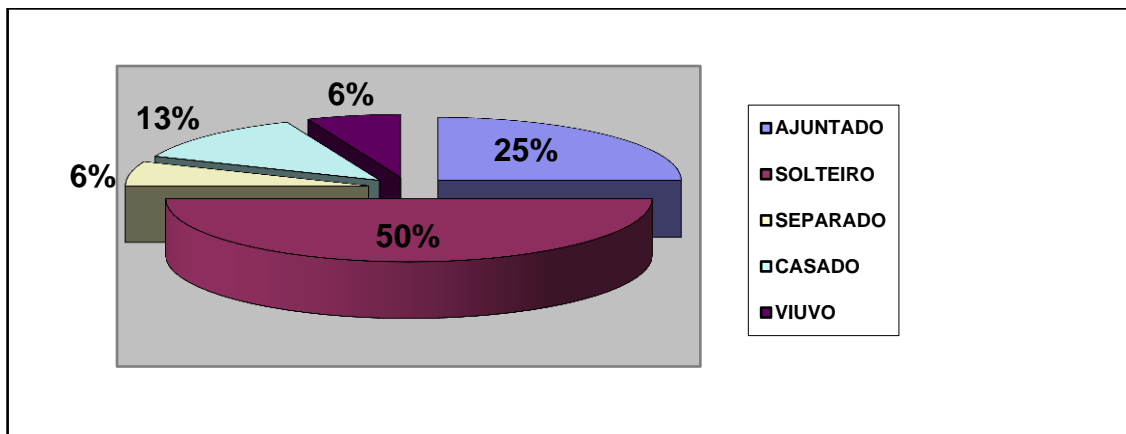


Gráfico 5 – Estado Civil

Fonte: elaborado pela autora

Ao analisar os dados sobre o sexo representado no Gráfico 6, foram encontrados percentuais idênticos para ambos, 50% do sexo feminino e 50% do sexo masculino. Uma especificidade importante é que muitas mulheres não conseguem conciliar serviço, papel de mãe e de estudante, impedindo a sua permanência na escola. Mas, isto nos mostra que a mulher está em busca de sua

satisfação pessoal, independência financeira, realização de seus sonhos e qualificação para o mundo do trabalho.

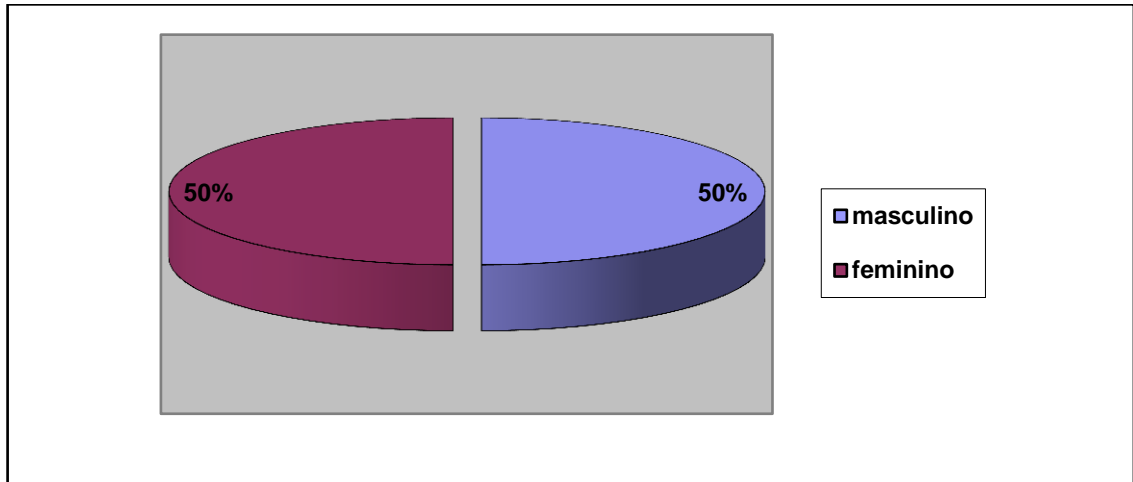


Gráfico 6 – Sexo

Fonte: elaborado pela autora

Atualmente, todos moram nesse município, na zona rural de Águas Claras e no seu entorno, e dos que se mudaram para essa localidade, 62% foi em função de moradia (Gráfico 7), tendo em vista, que muitos conseguem emprego como caseiros de sítios e assim não precisam pagar aluguel, o que já facilita muito o custo de vida; 25% vieram para esta região na tentativa de conseguir um trabalho e 13% pela qualidade de vida, um local ainda mais tranquilo e sossegado.

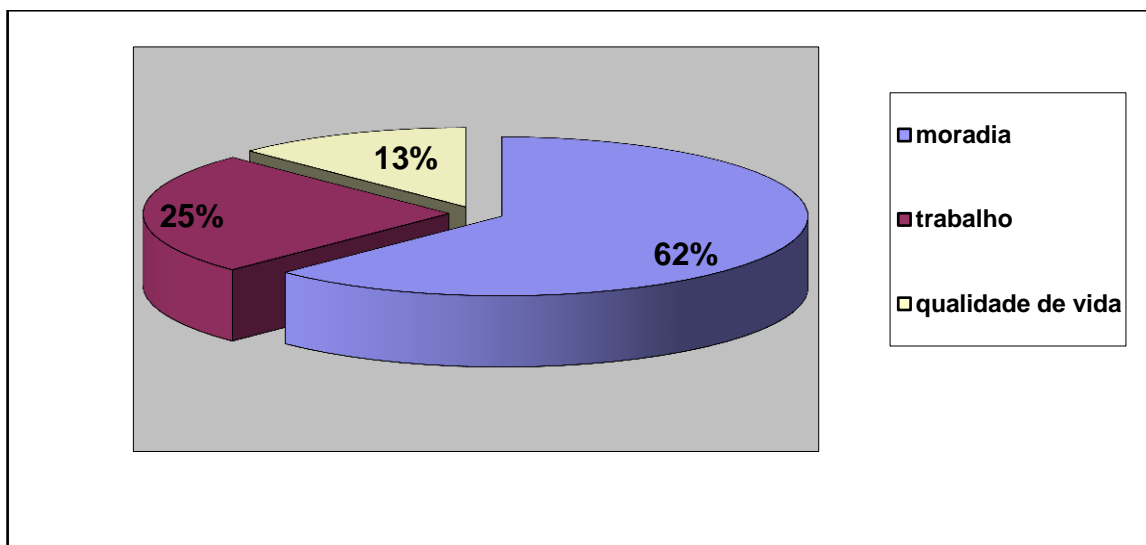


Gráfico 7 – Escolha pelo município de Viamão

Fonte: elaborado pela autora

Os dados referentes á escolaridade, representados no Gráfico 8, revelam que 44% dos alunos só frequentaram as séries iniciais do ensino fundamental, ou seja, de 1ª a 4ª série. Os que concluíram a 5ª série representam 25% e 31 % dos questionados alcançaram as séries finais do ensino fundamental da 6ª a 8ª.

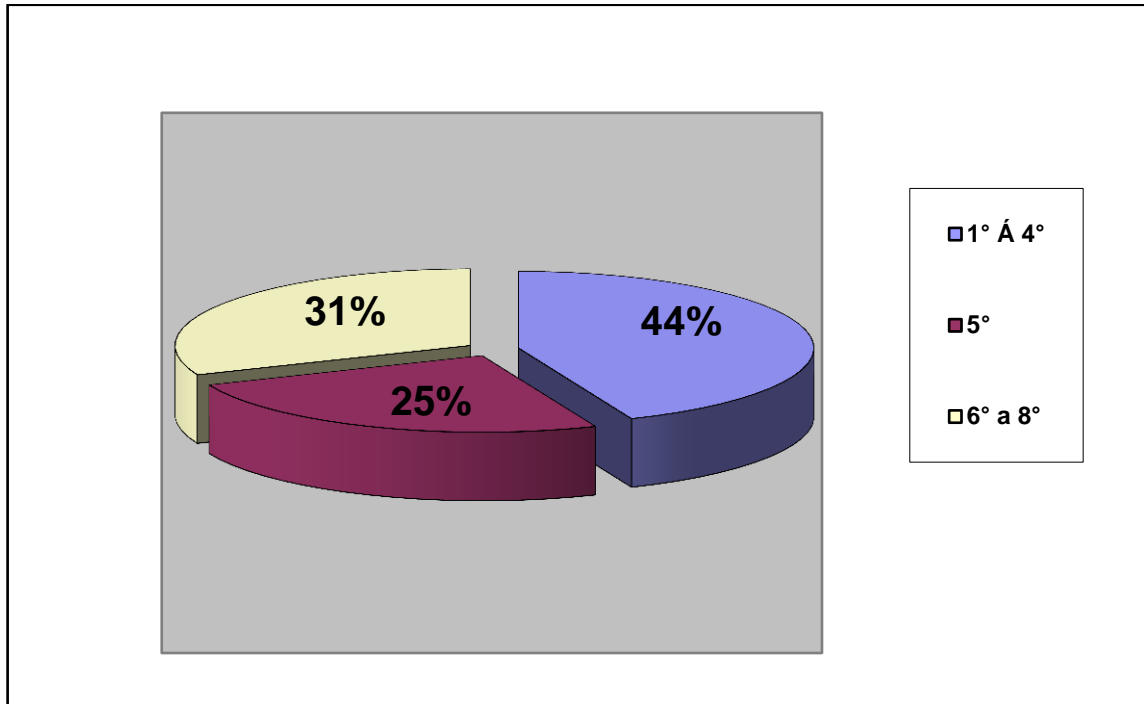


Gráfico 8 – Série estudada
 Fonte: elaborado pela autora

A nossa EJA é composta na sua maioria de jovens com vivência escolar anterior ou recém egressos do ensino regular. Isso se confirma quando perguntamos se já haviam parado de estudar alguma vez antes da EJA, e 87% responderam que sim, enquanto somente 13% responderam que não. Alguns ainda afirmaram ter parado de estudar várias vezes e outros poucas vezes. Dos alunos entrevistados 100% já pararam de estudar quando estavam freqüentando a EJA (Gráfico 9).

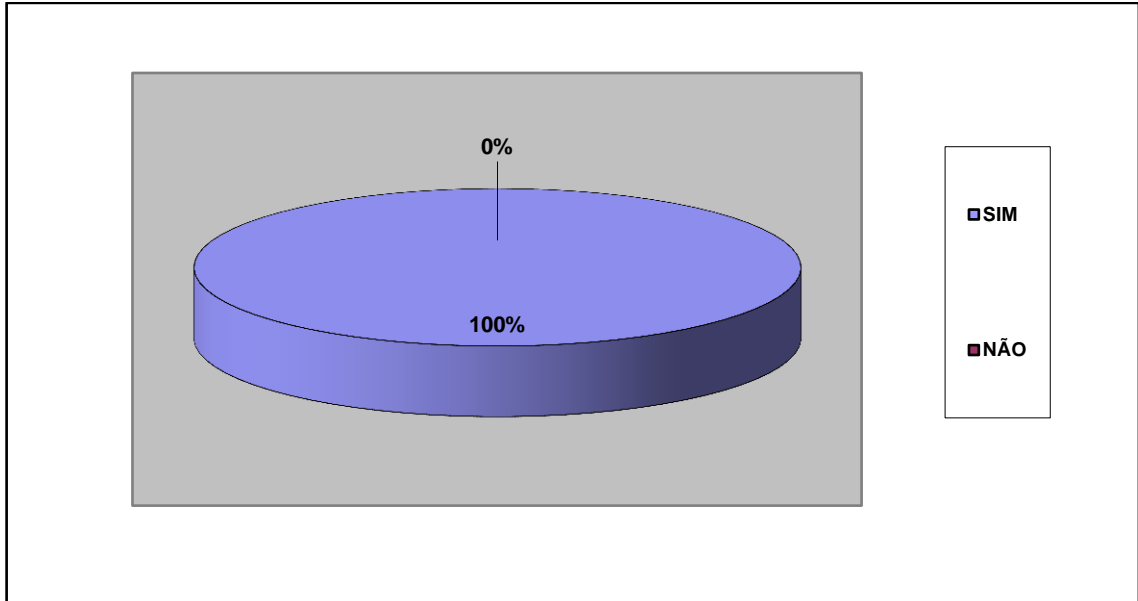


Gráfico 9 – Sujeitos que interromperam os estudos na EJA
 Fonte: elaborado pela autora

Analisando o Gráfico 10, observa-se que a maioria, representando 69% parou de estudar uma única vez. Entretanto, significativos 31% pararam de estudar por mais de uma vez.

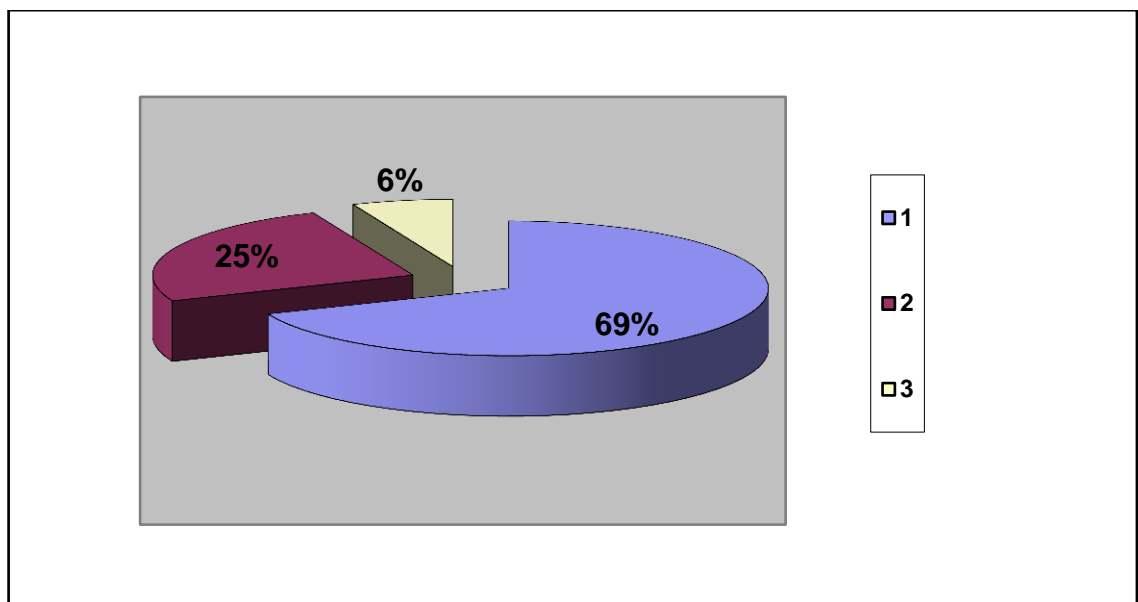


Gráfico 10 – Número de vezes que parou de estudar enquanto frequentava a EJA
 Fonte: elaborado pela autora

Este momento me faz repensar o papel da escola enquanto instituição de ensino. Uma escola que deveria tentar se aproximar mais deste aluno e não permitir que ele se afaste, já que a maioria pára em função do trabalho e de transporte,

como se pode constatar nos dados coletados. Talvez fosse possível tentar flexibilizar os horários para os trabalhadores, tomar iniciativas para reverter as situações de fracasso e situações de sucesso escolar, incluindo estes “excluídos”

De acordo com o relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), de abril de 2008, 53,8% dos que iniciam o 1º ano não chegam ao 9º, e uma pequena parcela volta às aulas na EJA. Na maioria das vezes voltam e já evadem, pois nesse tempo que não estavam nas escolas, conseguiram trabalho, e por exigência do empregador procuram o colégio. Entretanto, este mesmo empregador que exige a escolaridade não flexibiliza horários e, por isso,, não ajuda a conquistá-la.

Reportando-me ao Gráfico 11, percebi que as pessoas mais velhas tentaram retornar os estudos e principalmente por dificuldades de aprendizagem alguns desistiram. Destes, 6% pararam na I Etapa (1ª e 2ª série) e 12% completaram a 2ª Etapa (3ª e 4ªsérie). Dados relevantes dizem respeito a outros dois percentuais: 44% chegaram até a III Etapa (5ª e 6ª série) e outros 38% completaram a IV Etapa (7ª e 8ª série).

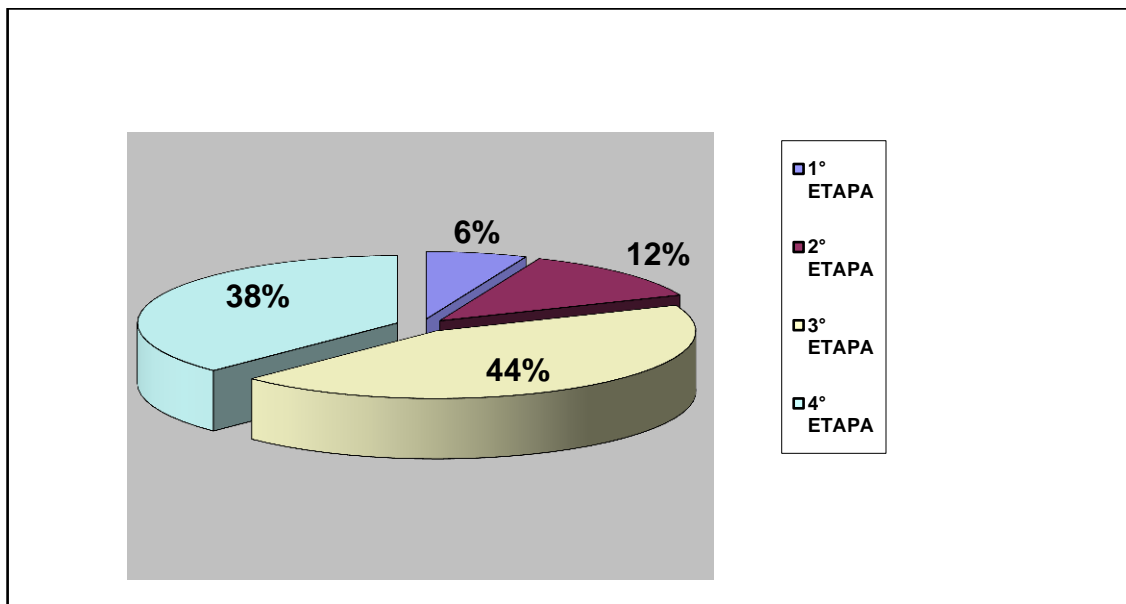


Gráfico 11 – Etapa em que parou de estudar na EJA
 Fonte: elaborado pela autora

A maioria dos alunos, representando 75%, considera que a escola fica perto de sua casa, como mostrado no Gráfico 12, e 25% dos entrevistados disseram morar longe.

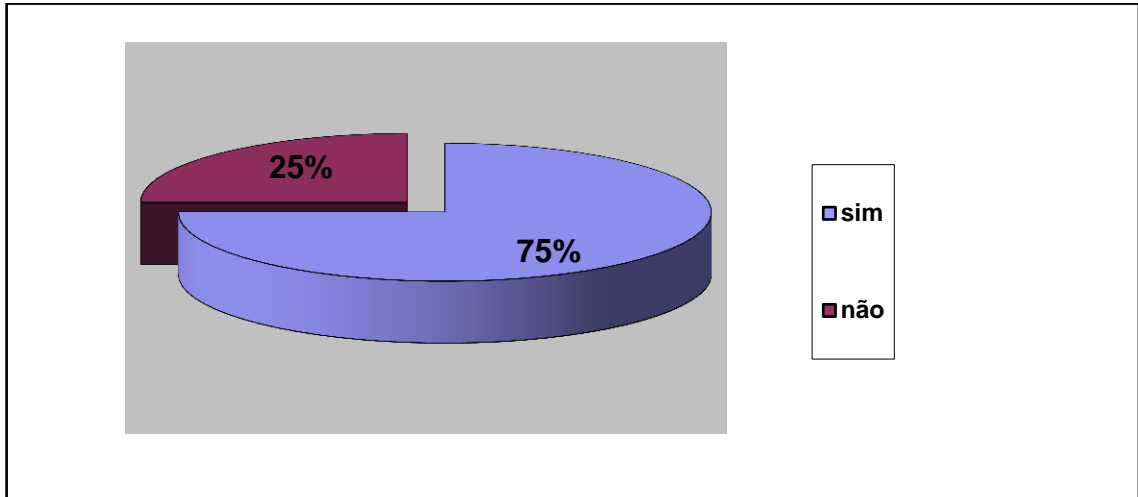


Gráfico 12 – Proximidade da moradia com a escola

Fonte: elaborado pela autora

Convém esclarecer que, próximo para eles quer dizer até 5 km. Do total de alunos, como se pode constatar no Gráfico 13, 37% moram a apenas 1 km da escola, deslocando-se a pé ou de bicicleta. Com um percentual de 25%, encontram-se tanto os que moram de 2 a 5 km como os de 6 a 10 km, e com 13% os que residem de 11 a 20 km da escola, todos eles já precisando utilizar algum meio de transporte.

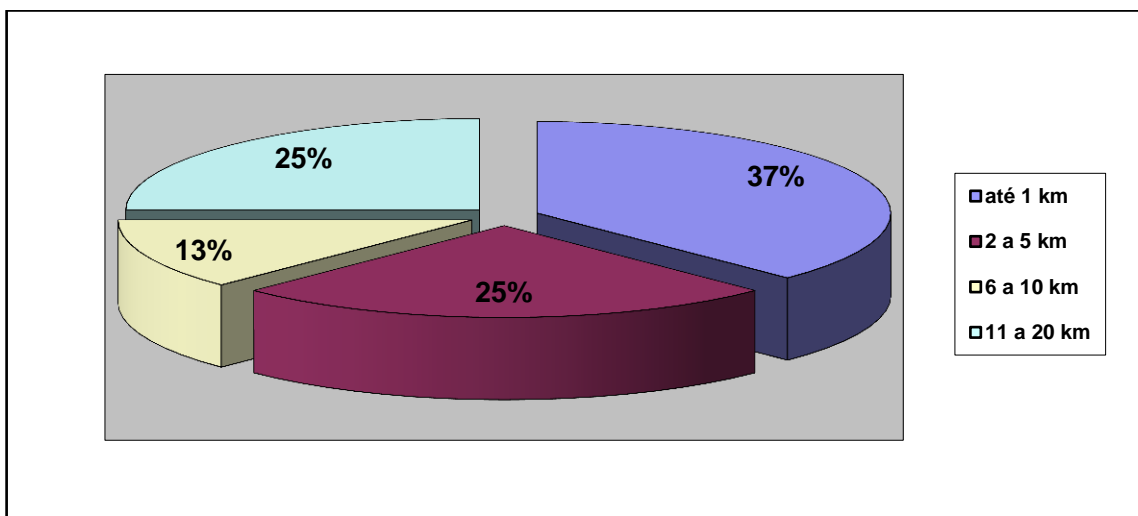


Gráfico 13 – Distância da escola até a casa do aluno

Fonte: elaborado pela autora

O difícil acesso da casa até a escola foi referido pelos entrevistados como um entrave para muitos. Pois, alguns alunos moram tão afastados que até não passa ônibus próximo da sua residência. Já outros não têm dinheiro para pagar passagem, motivo que os afasta da escola, especialmente no inverno com as chuvas constantes, o frio intenso e rigoroso.

Apesar de 50% dos alunos, conforme Gráfico 14, utilizarem algum meio de transporte para chegar até a escola, e outros 50% não, muitos, mesmo utilizando a bicicleta, não a consideram como sendo um meio de transporte, pois quando chove não podem ou fica muito difícil utilizá-la. Fica evidente, portanto, o grave problema de transporte.

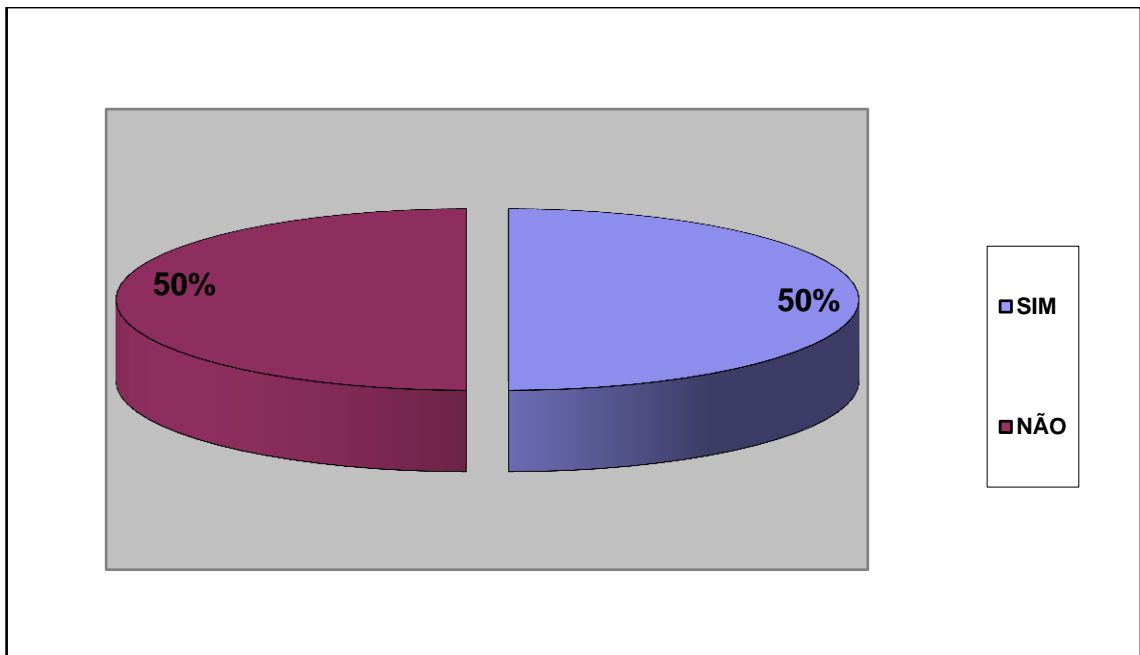


Gráfico 14 – Utiliza meio de transporte para se locomover até a escola
Fonte: elaborado pela autora

Conforme o resultado do Gráfico 15, é significativo, o percentual que revela a vontade destes alunos de retornar à EJA. O índice de 94% mostra muito bem a importância que é dada aos estudos, muito embora estejam afastados. Este resultado confirma as palavras de Paulo Freire (2004, p.560), quanto à vontade de estudar e saber mais: “Neste local de encontro não há sábios nem ignorantes absolutos, há homens e mulheres que em comunhão buscam saber mais” .

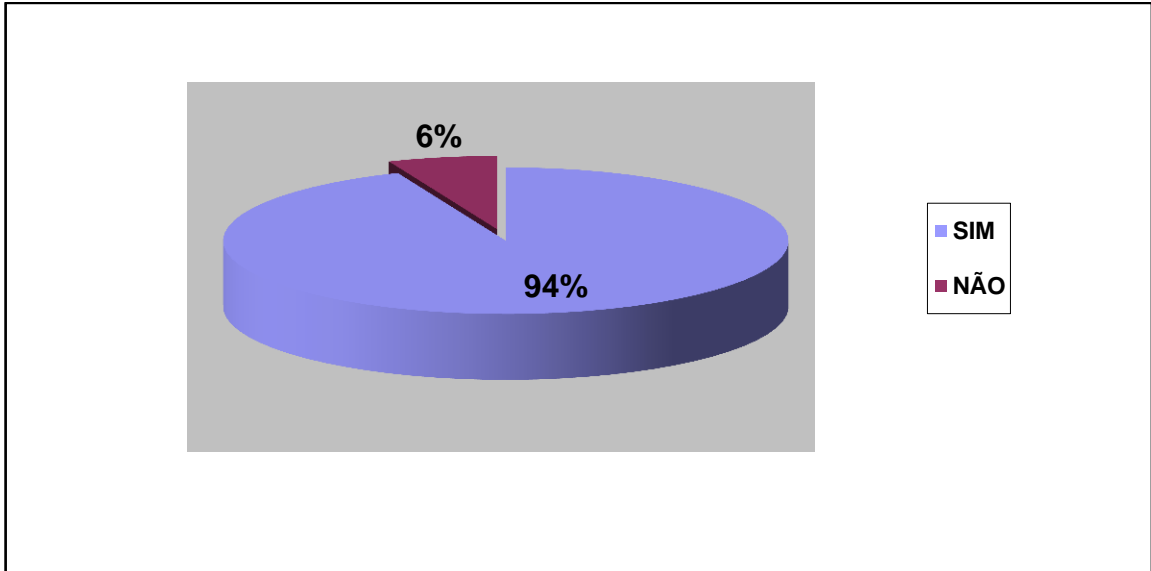


Gráfico 15 – Desejo de retornar às aulas da EJA

Fonte: elaborado pela autora

Em relação aos motivos pelos quais gostariam de retornar aos estudos na EJA, conforme representado no Gráfico 16, 60% almeja se formar, recuperando o tempo perdido, 28% conseguir um emprego, pois sabem que com os avanços tecnológicos o mercado de trabalho está cada vez mais exigente, e completar o ensino fundamental seria um requisito mínimo exigido pela maioria dos empregadores. Um total de 12% que já está no mundo do trabalho deseja melhorar no emprego, crescer profissionalmente.

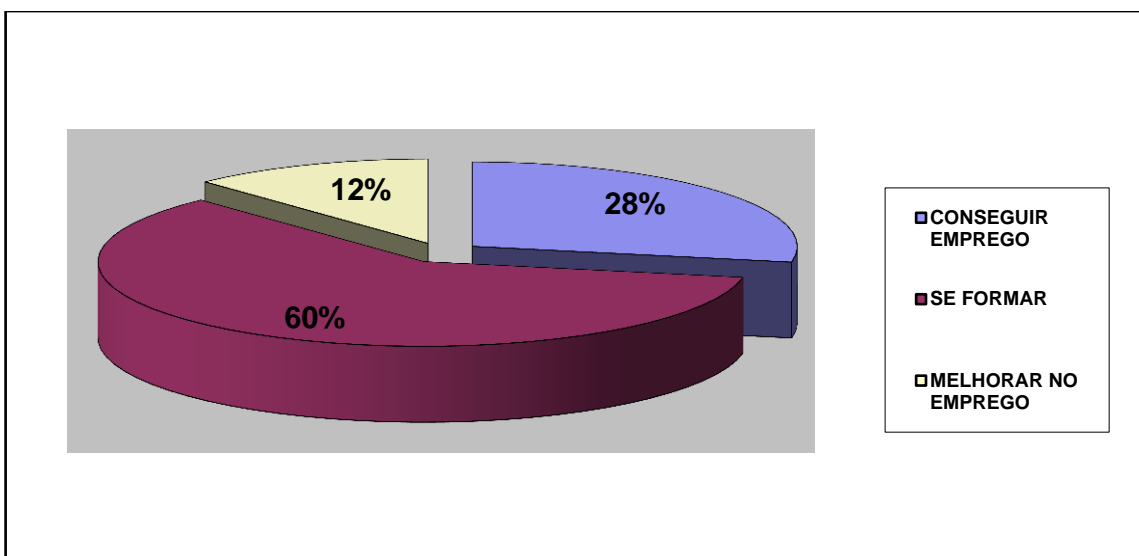


Gráfico 16 – Prováveis motivos para retornar à EJA

Fonte: elaborado pela autora

Quando perguntados sobre o que gostavam na EJA, vários apontaram mais de uma alternativa como resposta, sendo o fator mais relevante entre eles os professores, colegas, funcionários. Outros foram mais abrangentes e responderam de “tudo”. Nesse “tudo” estão as aulas, passeios, festas, merenda, colegas, professores, funcionários, palestras, o que mostra a importância destas atividades para os alunos do EJA; um excelente indicador para que se continue investindo nestas atividades.

Quando perguntados sobre o que não gostavam na EJA, a maioria respondeu a bagunça na sala de aula e a distância de casa até a escola, apesar de a maioria responder que mora próximo desta, considerando, como foi dito anteriormente a distância de até 5 km como próxima. A distância está mais ligada à falta de transporte gratuito o que dificulta o término do ano letivo.

A bagunça na sala de aula para muitos é causada pela junção de jovens e adultos em um mesmo ambiente, dificultando a aprendizagem principalmente dos mais velhos, devido a falta de comportamento e limites dos mais novos, porém isso não foi verificado como causa de evasão.

No Gráfico 17, observa-se que a maioria dos respondentes, representando 56% dos entrevistados, colocam como principal motivo para a evasão o fato de estar trabalhando.

Como já se comentado anteriormente, estes dados confirmam a falta de flexibilidade/compatibilidade entre as duas atribuições o que dificulta a manutenção destes alunos em sala de aula.

Ainda a considerar que 31% dos questionados colocam a distância como causa da evasão, seguido de 13% que apontam para os problemas familiares, conforme dados obtidos na pesquisa.

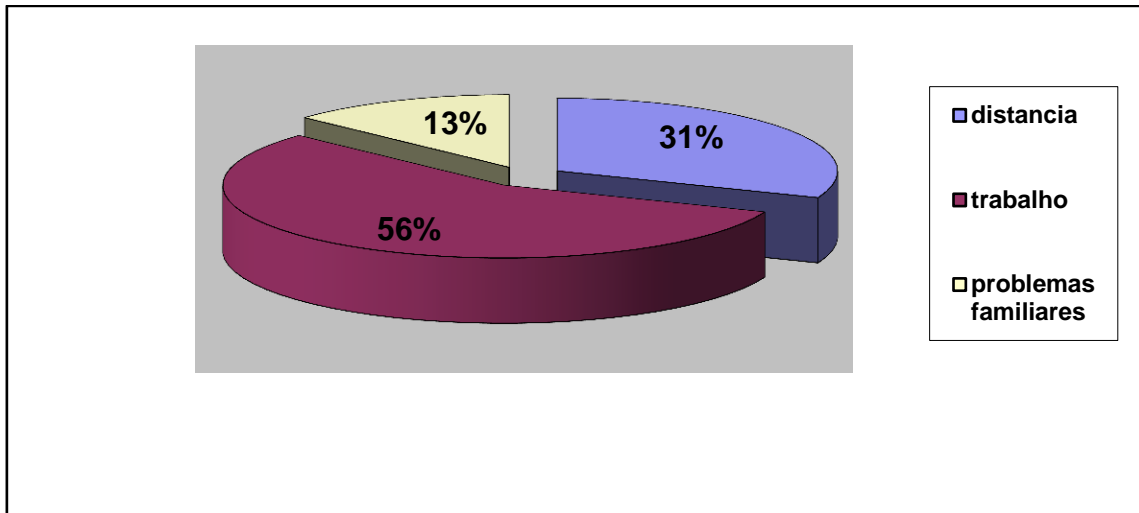


Gráfico 17 – Motivos para evasão
Fonte: elaborado pela autora

As perguntas realizadas e representadas nos Gráficos 17 e 18 foram formuladas de forma diferente mas levam à mesma realidade: as causas da evasão. Tanto assim que as respostas representadas no Gráfico 18 estão muito semelhantes às do Gráfico 17 o que ajuda a comprovar o problema e a necessidade de se buscar soluções imediatas: 37% relacionados ao trabalho, 31% à distância, 19% problemas de ordem familiar e 13% desmotivação.

Explorando um pouco mais as respostas temos que: no item trabalho, muitos relataram que o horário do trabalho não é compatível com o horário das aulas, então precisam ficar sem estudar para garantir a sua sobrevivência e de sua família. O elemento distância também os afasta da escola, já que muitos moram longe, precisam de transporte. Pesa, então, a parte financeira, pois sabem que não conseguirão comprar ou manter a compra de passagens até o final do ano letivo, então nem retornam. Problemas pessoais também aparecem como dificultador para os estudos, especialmente filhos pequenos, o próprio lar, gravidez na adolescência, falta de incentivo da família, entre outros. Na falta de motivação, também aparece o elemento cansaço, que os desmotiva, já que cumprem durante o dia uma jornada de trabalho árdua e ainda precisam conciliar casa, família, filhos pequenos. Acreditam que, voltando para a escola, não conseguirão cumprir todas estas tarefas.

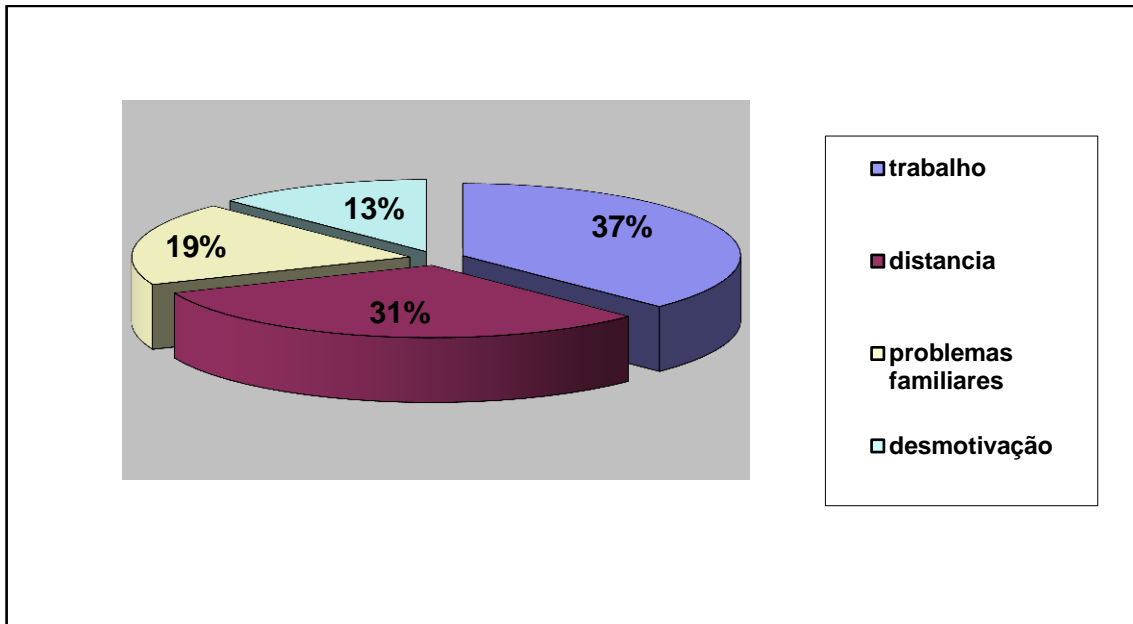


Gráfico 18 – Empecilho para retornar aos estudos
Fonte: elaborado pela autora

A partir da análise dos dados quanti-qualitativos, dos depoimentos dos estudantes e de minhas observações empíricas, são apresentadas a seguir as considerações finais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, este trabalho teve como principal objetivo, averiguar quais os principais motivos da evasão escolar entre os alunos da EJA na zona rural, na EMEF Apolinário Alves dos Santos, localizada na região de Águas Claras, no município de Viamão, assim como repensar a política educacional adotada na escola e no próprio município.

O que me motivou a fazer este trabalho foi o desejo de entender por que esses estudantes da zona “rural” abandonam a escola e, especialmente, o que precisamos fazer para mobilizá-los a permanecer. Inicialmente, tive como expectativa encontrar causas de evasão que fossem específicas do meio rural. Não as encontrei, o que me gerou certa frustração e mais inquietação. Como exerço minha docência há muitos anos neste local, convivi com situações de abandono que eram específicas deste meio, como por exemplo, alunos que se afastavam para a colheita do arroz, mas que depois retornavam. Outros, porém, realmente se evadiam. Diferente dos motivos que hoje são apresentados para justificar a evasão.

Uma das considerações a partir do estudo do tema e das análises dos dados foi a de que, esta escola, seus estudantes e seus contextos estão sofrendo um processo de transição do meio rural para o urbano, ou melhor, uma penetração cada vez maior das características do urbano no rural. Um exemplo que comprova o que foi dito é a instalação de grandes empresas em função dos nossos recursos naturais e a conseqüente expansão imobiliária. Os sítios que eram habitados nos finais de semana se transformam em moradia, principalmente pela qualidade de vida que oferecem. Além desta mudança bastante importante, começam a surgir problemas com drogas, pichações que eram quase inexistentes. Estas mudanças afetam o ambiente e o conteúdo das escolas. Hoje precisamos fazer, com urgência, projetos na tentativa de alertar e prevenir os jovens para que não se envolvam com estas práticas cujas conseqüências são muito danosas..

Se a tentativa inicial era a de caracterizar a evasão da EJA no meio rural, através da comparação dos dados coletados localmente e a análise de outros pesquisadores que tratam do assunto, neste trabalho foi possível ir além: sair do

particular, para o geral. Foi possível perceber que a evasão na EJA tem características comuns em ambos os meios: as especificidades dos sujeitos, as subjetividades, as características, o abandono da escola em função do trabalho, o cansaço, a desmotivação do aluno trabalhador; problemas familiares como falta de incentivo da família, não ter com quem deixar os filhos pequenos estão presentes no rural e no urbano. Entretanto, também foram encontradas características próprias, como é o caso do difícil acesso que é um entrave à escolarização de muitos desses sujeitos, moradores de uma zona tipicamente rural neste sentido, já que vários moram bastante afastados da faixa, onde não passa ônibus, ou o ônibus ainda os deixa à certa distância da casa. Outros, ainda não têm dinheiro para pagar passagem, afastando-os da escola especialmente no inverno com as chuvas constantes, o frio intenso e rigoroso. Embora, esse elemento também justifique a evasão na zona urbana, mais uma característica em comum.

No Brasil, a cada ano que passa nos deparamos com um crescimento acentuado da evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos e este não é um problema somente do sistema educacional e familiar, mas um problema social, que vêm afetando não apenas os grandes centros como também a zona rural e “rururbana”.

Diante disso, enquanto instituição escolar, na tentativa de mudar este quadro, analisamos e (re)elaboramos mecanismos didáticos que motivem os estudantes a frequentar e permanecer na escola, e além disso, devido a transição do rural para o “rururbano” fez-se necessário pensar em um currículo diferenciado, que reconheça as especificidades dos sujeitos ali inseridos, associando temas do cotidiano às disciplinas, dando assim mais significado à aprendizagem e uma prática educativa prescindida de afetividade, alegria, capacidade científica e domínio técnico a serviço da mudança, totalmente coerente com as práticas de Paulo Freire (2000).

Assim como, um trabalho inter e/ou transdisciplinar que contemple Cidadania e o Mundo do Trabalho, já que a maioria dos nossos alunos são trabalhadores ou mesmo os mais jovens estão na busca pela profissionalização, impulsionados pelo aumento de indústrias nesta região e a conseqüente procura por mão de obra qualificada.

Atividades diferenciadas, especialmente ligadas à cultura e ao lazer passam a ser oferecidas como saída para o cinema, teatro, palestras, torneios, visitas a feiras. Todas com o objetivo de fazer com que nossos educandos sintam-se acolhidos, pertencentes àquela instituição, propiciando algo que aquela comunidade não lhes oferece, contribuindo na sua construção como sujeito. Para tanto, é preciso e necessário que as políticas educacionais permitam que haja respeito às singularidades / peculiaridades de cada escola.

O público da EJA também vem, ao longo do tempo, apresentando modificações. Em 2003, quando se iniciou esta modalidade na escola, as pessoas eram mais velhas em sua maioria, bem como os que se evadiam. Como podemos ver pelos perfis levantados por esta pesquisa entre os evadidos, atualmente há um percentual equiparado de faixas etárias.

Diante do exposto, é preciso reconhecer que são os sujeitos que demandam a escolarização na EJA e que precisam dispor de um currículo escolar adequado à sua realidade. Não o contrário: exigir que estes se adaptem ao que está programado. Tanto é assim que este fator também se mostrou como sendo uma das causas de desmotivação que levam à evasão.

Importante destacar que os motivos encontrados nesta pesquisa para a evasão escolar deste novo público da EJA, não se distanciam tanto assim dos encontrados em pesquisas semelhantes no meio urbano (MEKSENAS, 1998).

Este resultado me fez analisar que, não é possível mais considerar o contexto no qual a escola EMEF Apolinário Alves dos Santos está inserida, como sendo rural, diante de tantas especificidades urbanas apresentadas no decorrer do trabalho, fato que pode mudar toda a trajetória da busca de soluções para os problemas apresentados. Para tanto, as políticas públicas devem estar atentas a estas transformações no sentido de contribuir com o processo de mudança que tanto se almeja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda & OLIVEIRA, Inês Barbosa (orgs). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas sobre redes de saberes**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2002.

ARROYO, Miguel. Prefácio. PARO, V. H. In: **Reprovação escolar: renúncia à educação**. 2. ed. São Paulo: Xamã, 2001.

BRASIL.Governo Federal/MEC(1996). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394**, de 20 de Dezembro de 1996.

CARNEIRO, Maria J. **Ruralidade na sociedade contemporânea: uma reflexão teóricometodológica**. In: El mundo rural: transformaciones y perspectivas à la luz de La nueva ruralidade. Bogotá. out. 2003. 16p. (mimeo)

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. trad. de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Os Jovens e o Saber: Perspectivas Mundiais**. Porto Alegre:- Artmed, 2000.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL. 3.ed: São Paulo: Saraiva, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 38 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GHIRALDELLI JR. Paulo. **História da Educação**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994. 240 p. (Col.Magistério. 2o grau. Série formação do professor).

GRAZIANO DA SILVA. **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas: Unicamp – Instituto de Economia, 1999.

KAYSER, B. **Ils Ont Choisi La Campagne**. Paris: Editions de L’Aube, 1996.

.MARINHO, Ernandes Reis. **Um olhar sobre a Educação Rural Brasileira**. Brasília: Universa, 2008.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação: uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social**, 2 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**. Associação Nacional de Pós-Graduação – ANPED. São Paulo, nº 12, Set/Out/Nov/Dez 1999, p. 59-73.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão et al. **Educação de jovens e adultos**: Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental. São Paulo/Brasília: Ação educativa/MEC-SEF, 1997.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1998.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-Ação nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 2009.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias**. São Paulo: Autores Associados, 2002.

ANEXO 1: DADOS DA EVASÃO DA EJA NA EMEF APOLINÁRIO ALVES DOS SANTOS

Tabela 2 – Dados evasão da EJA no ano de 2006

EJA 2006	Matricula Geral	Matricula real	Aprovados	Reprovados	Transferidos	Evadidos	% de evadidos
Etapa I	29	26	4	22	0	3	10,34
Etapa II	27	23	5	18	2	2	7,41
Etapa III	60	52	17	35	2	6	10,00
Etapa IV	50	48	31	17	0	2	4,00
Total de alunos	166	149				13	7,83

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 3 – Dados evasão da EJA no ano de 2007

EJA 2007	Matricula Geral	Matricula real	Aprovados	Reprovados	Transferidos	Evadidos	% de evadidos
Etapa I	28	17	4	13	0	11	39,29
Etapa II	24	16	5	11	0	8	33,33
Etapa III	50	24	15	9	2	24	48,00
Etapa IV	55	30	20	10	0	25	45,45
Total de alunos	157	87				68	43,31

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 4 – Dados evasão da EJA no ano de 2008

EJA 2008	Matricula Geral	Matricula real	Aprovados	Reprovados	Transferidos	Evadidos	% de evadidos
Etapa I	15	5	2	3	0	10	66,67
Etapa II	20	11	7	4	0	9	45,00
Etapa III	41	13	11	2	2	26	63,41
Etapa IV	51	30	29	1	5	16	31,37
Total de alunos	127	59					48,03

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 5 – Dados evasão da EJA no ano de 2009

EJA 2009	Matricula Geral	Matricula real	Aprovados	Reprovados	Transferidos	Evadidos	% de evadidos
Etapa I	14	3	3	0	2	9	64,29
Etapa II	19	12	4	8	1	6	31,58
Etapa III	30	19	11	8	0	11	36,67
Etapa IV	34	18	17	1	2	14	41,18
Total de alunos	97	52					41,24

Fonte: elaborado pela autora

Tabela 6 – Dados evasão da EJA no ano de 2010

EJA 2010	Matricula Geral	Matricula real	Aprovados	Reprovados	Transferidos	Evadidos	% de evadidos
Etapa I	0	0	0	0	0	0	0
Etapa II	20	15	5	10	0	5	25,00
Etapa III	38	14	11	3	0	24	63,16
Etapa IV	46	28	16	12	0	18	39,13
Total de alunos	104	57					45,19

Fonte: elaborado pela autora

ANEXO 2: QUESTIONÁRIO DA PESQUISA SÓCIO-DEMOGRÁFICA

DADOS PESSOAIS	
1. Qual é a tua idade? anos
2. Qual é o teu local de nascimento?
3. Qual é o teu estado civil?	(1) casado (2) solteiro (3) juntado/amigado (4) divorciado/separado (5) viúvo (6) outro
4. Qual é o teu sexo?	(1) masculino (2) feminino
5. Qual é o teu município de moradia?
6. Há quanto tempo moras nesse município? anos
7. Por que vieste para esse município?	(1) trabalho (2) acompanhar a família (3) doença/assistência médica (4) estudo (5) moradia (6) qualidade de vida (7) fuga das drogas (8) outro

DADOS DE ESCOLARIDADE	
1. Até que série completou?	(1) nunca estudou - (2) não sabe responder (3) 1ª à 4ª série - (4) 2ª série (5) 5ª série - (6) +de 5ª série
2. Já paraste de estudar alguma vez?(antes da Educação de Jovens e Adultos)	() Sim () Não () Não sabe responder
3. Já paraste de estudar quando estava freqüentando a Educação de Jovens e Adultos?	() Sim () Não
4. Quantas vezes parastes de estudar na Educação de Jovens e Adultos?	(1) uma vez - (2) duas vezes (3) três vezes ou mais
10. A escola fica próxima à tua casa?	() Sim () Não
11. Qual a distância aproximada da tua casa até à escola?	(1) até 1 km (2) 2 a 5 km (3) 6 a 10 km (4) 11 a 20 km
12. Você precisava utilizar algum meio de transporte para ir até a escola?Qual?
13. Você gostaria de retornar às aulas na EJA?	() Sim () Não
14. Por que gostaria de freqüentar novamente a EJA?	(1) necessidade - (2) conseguir um emprego (3) melhorar no emprego - (4) aprender mais (5) socializar - (6) ajudar os filhos - (7) se formar (8) ter uma atividade - (9) outro
15. O que gostavas na EJA?	(1) colegas - (2) professores - (3) turma (4) funcionários - (5) passeios - (6) festas (7) aulas - (8) merenda - (9) tratamento (10) palestras - (11) tudo - (12) outro
16. O que não gostavas na EJA?	(1) sala lotada - (2) colegas muito novos (3) colegas mais velhos - (4) professores (5) aulas - (6) distância - (7) bagunça na sala (8) muito conteúdo - (9) pouco conteúdo (10) outros
16. Qual o motivo que te levou a evadir o EJA?	(1) distância (2) trabalho (3) problemas familiares
17. Tem algum empecilho que no momento te impede de retornar à EJA?Qual?	(1) distância (2) trabalho (3) problemas familiares (4) demotivação

ANEXO 3: EJA COMO RESGATE DA CIDADANIA



Figura 2 - EJA como resgate da cidadania

Fonte: Encarte Boas Notícias- Publicação do Departamento de Comunicação Social- Ano 07- Nº 18- Maio de 2011- p.02

ANEXO 4: IDH NA AMÉRICA LATINA

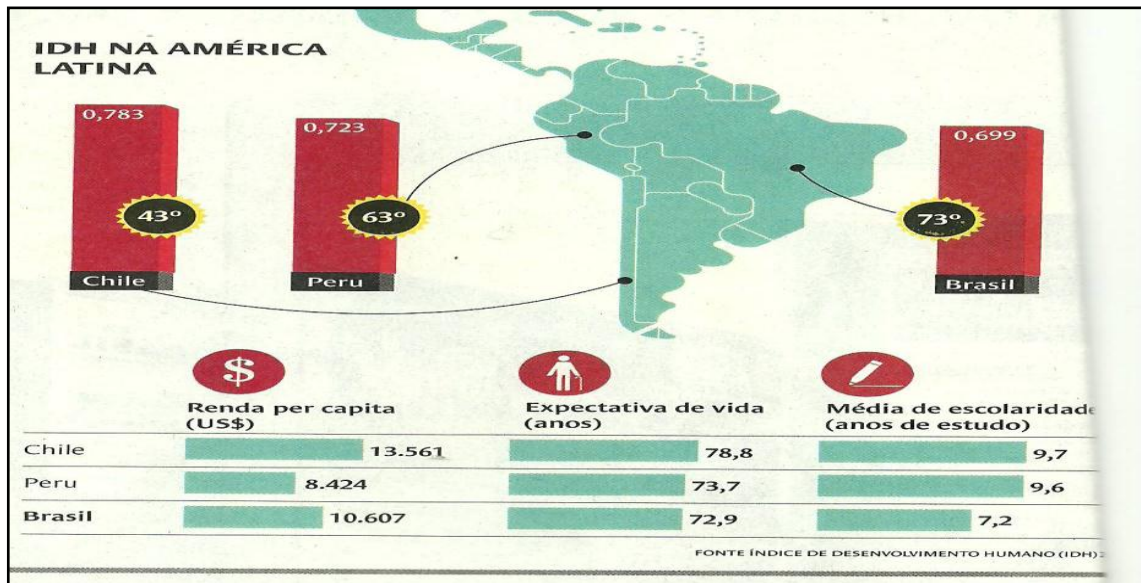


Figura 3 – IDH na América Latina
Fonte: elaborado pela autora

ANEXO 5: PASSAGEN ESCOLAR GRATUITA

03/2011

Passagem escolar gratuita

Teve início o processo de inscrição, cadastramento, recadastramento e seleção dos estudantes das escolas da rede pública municipal de Viamão, interessados e em condições de receber a passagem escolar gratuita, dentro do projeto "Viamão sem Evasão".

Uma lei municipal criada pelo vereador **Luís Armando Azambuja** (PT), em vigor há dez anos, garante o fornecimento gratuito de 44 passes por mês aos estudantes carentes das 65 instituições de ensino de Viamão. A medida, inédita no Estado, atinge cerca de 26 mil alunos do município. Não há limite de idade, mas como a lei é municipal, contempla apenas os estudantes matriculados nas 65 escolas administradas pela Prefeitura de Viamão, inclusive os estudantes do EJA (Educação de Jovens e Adultos) e da zona rural.

De acordo com o vereador Armando Azambuja, para obter a gratuidade dos passes nos ônibus, os estudantes terão que comprovar renda familiar de até três salários mínimos e residir a mais de dez quadras ou 1 km de distância da escola, com necessidade de transporte coletivo para deslocamento. "Terão prioridade no benefício, os alunos mais carentes e com maior distância da escola, e ainda as famílias que recebem bolsas sociais, tipo bolsa família", acrescentou Armando.

A frequência nas aulas, e o correta utilização do passe escolar, também conta pontos para concessão do benefício. "Nesse caso, o aluno deverá contar com a participação de, pelo menos, 85% das aulas, ou seja, a cada vinte aulas não poderá faltar mais de três sem justificativa, sob pena de perder o direito ao benefício, assim como à utilização correta do cartão de passagens gratuitas, que deve ser utilizado exclusivamente pelo estudante e para deslocamento a escola e nos turnos e dias letivos", alertou o vereador Armando.

As inscrições, cadastramento e o recadastramento para o benefício, assim como, a entrega das passagens escolar gratuita aos alunos, são realizadas diretamente junto às secretarias e/ou direções das próprias escolas municipais, onde os estudantes estão matriculados e com frequência.

Os alunos que já recebiam a passagem gratuita no ano passado, não precisarão fazer novo cadastro. De acordo com o autor do projeto, já está sendo realizado um recadastramento automático de todos os alunos que já recebiam o benefício, com base nos dados informados na matrícula.




Figura 4 - Passagem escolar gratuita

Fonte: Reportagem de 04/03/2011, Jornal Correio Rural, página 06